

# A ESCOLA PRIMARIA

## REVISTA MENSAL

" Sob a direcção de inspectores escolares do Districto Federal

### REDACÇÃO:

Rua 7 de Setembro, 174  
Rio de Janeiro — Tel. 4337 C.

### ASSIGNATURAS:

Para o Brasil.....	um anno	9\$000
União Postal.....	» »	10\$000
Para o Brasil.....	6 mezes	5\$000

### SUMMARIO

	Dois discursos notaveis
<b>IDÉAS E FACTOS</b>	
	Politica de instrucção pu- blica.
	O ensino da Historia
	A União e o Ensino Pri- mario
Francisco Prisco.....	Advocacia Grammatical
	<b>A ESCOLA</b>
A. Rosa Ferreira.....	Factos de disciplina escolar

Zulmira.....	Lição de Portuguez
Noemia Hemeterio.....	Metaplasmos
J. A.....	Exercicios e problemas de arithmetica.
Abilio B. Alencar.....	Methodo pratico para re- solver uma regra de tres.

### ESCOLA NORMAL

A. Balthazar da Silveira....	Historia do Brasil.
------------------------------	---------------------

### LIÇÕES E EXERCICIOS

## Dois discursos notaveis

Os discursos proferidos na brilhante e significativa homenagem que representantes de todas as classes sociaes prestaram ao Dr. João Luiz Alves, Ministro da Justiça e Negocios Interiores, traduzem bem as aspirações nacionaes de uma completa remodelação do ensino primario e autorizam as mais fundadas esperanças de uma acção energica e efficiente do actual Governo da Republica no sentido de por em pratica a Politica de Instrucção Primaria.

A campanha que esta revista vem fazendo ininterruptamente, desde dois annos, em defesa da necessidade da adopção de uma Politica de Instrucção Primaria, tem provocado de todos os pontos do paiz calorosos e animadores applausos, que bem traduzem a geral anciedade pela execução dessa idea e, o que é importante, a boa vontade e o entusiasmo com que os meios pedagogicos aguardam a iniciativa do Governo Federal.

Com justo desvanecimento vimos já victoriosa a idea, que aqui defendemos, da reunião de um Congresso de Ensino Primario, cujos resultados, embora proveitosos, não foram os que deveriamos esperar por se não ter tomado, medida indispensavel como em tempo fizemos sentir, a providencia de obter previamente dos governos estadoaes o compromisso de adoptarem em suas escolas as conclusões approvadas pelo Congresso.

Mas, e bem o accentuou o illustre orador do banquete offerecido ao Dr. João Luiz Alves, esse

Congresso, bem como reuniões anteriores que aqui e em alguns estados se realisaram, prepararam a solução do problema maior de nossa nacionalidade, esboçaram o programma de acção, apontaram o caminho a seguir.

Ninguem mais põe em duvida a competencia da União para intervir no ensino primario e em nosso ultimo numero a palavra sempre acatada de Ramiz Galvão se fez ouvir, proclamando triumphante essa idéa e demonstrando, á luz dos textos constitucionaes e em face de opiniões das mais respeitaveis autoridades, sua viabilidade e a urgencia de a levar á pratica.

A oração com que o Ministro do Interior respondeu ao Dr. James Darcy, orador official do banquete, assegura o inicio de uma phase de actividade do Governo da União em favor do ensino primario. S. Ex. cuja vida publica, no parlamento e na administração, tem sido um trabalho constante de construcção e de realisações, vae executar o programma já esboçado e, com a decisão e clareza que lhe são tão peculiares, começou por afastar de um golpe os melindres constitucionalistas dos que porventura pensassem em oppor embaraços á acção do Governo Federal, affirmando "que é puro bysantinismo enxergar obstaculos constitucionaes para que possa a União fazer aquillo que não se pode recusar a particulares e a estrangeiros — a fundação de escolas primarias".

# I = IDÉAS E FACTOS

## Política de instrução Publica

XX

### O ensino da Historia

Quem analysar a acção politica de José Bonifacio no governo de nossa patria, dirigindo a evolução do movimento emancipador reconhecerá sem difficuldade que o venerando patriarcha da nossa independencia tinha integral comprehensão das condições politicas e sociaes, que complicaram o problema da emancipação brasileira.

E' o que eloquentemente resulta da solução adoptada por José Bonifacio para assegurar a unidade da America Portugueza e das preocupações que o dominavam relativamente á necessidade de tambem unificar as differentes camadas de que se constituia o nosso povo.

Era urgente a solução de tal problema.

Faltavam ao povo brasileiro os caracteristicos em que se funda a grandeza e a força das nacionalidades.

«Dividia-o profunda diversidade de condições ethnicas e sociaes, separando-se os brancos dos negros, em senhores e escravos, e distanciando-se uns e outros do indigena pela longa estrada que este tinha a percorrer, da vida errante das florestas á civilização do seculo das luzes.

Fazia-se mister, portanto, preparar a fusão das duas castas em que se repartia a população civilizada, pela extincção da escravidão africana, e promover a incorporação do selvicola a communhão brasileira, por uma catechese nacional.

José Bonifacio não desconheceu essa dupla necessidade, antes se propoz satisfazer-a, formulando dois admiraveis projectos que submetteu á Assembléa Constituinte.

Muito antes disso, porém, já o preocupavam a catechese dos indios e a gradual extincção da escravatura, como o attestam os apontamentos que forneceu aos deputados paulistas ás Côrtes de Lisboa, e que são citados nas instrucções dadas em 9 de Outubro de 1821 pela governativa de São Paulo.

Esse valioso documento, tambem

redigido por José Bonifacio, chama a attenção dos deputados brasileiros «sobre dous objectos da maior importancia para a prosperidade e conservação do reino do Brasil... a catechisação geral e progressiva dos indios bravos... e a melhora da sorte dos escravos, favorecendo a sua emancipação gradual e conversão de homens immoraes e brutos em cidadãos activos e virtuosos...»

A «*Representação á Assembléa Geral Constituinte e Legislativa do Imperio do Brasil, sobre a escravatura*» os «*Apartamentos para a civilização dos Indios bravos do Imperio do Brasil*» apresentados á mesma Assembléa por José Bonifacio, são documentos de alto valor onde se encontram largamente desenvolvidas as idéas do grande estadista da nossa independencia sobre aquelles dois magnos problemas.

Cabe, pois, tambem ao patriarcha da nossa independencia o titulo de «principe de nossos abolicionistas», com tanta felicidade lembrado por um dos mais conscienciosos investigadores das coisas da nossa terra e da nossa gente, em brilhante artigo que «A Escola Primaria» inseriu em suas columnas (1) artigo em que os estudiosos encontrarão larga copia de informações e de valiosas indicações documentaes.

Infelizmente as circumstancias politicas não permittirem que o patriarcha da independencia reunisse aos muitos titulos que lhe asseguram a gratidão da posteridade a gloria de lavar-nos da mancha da escravidão.

O simples facto de taes circumstancias terem tolhido a acção de um estadista da envergadura de José Bonifacio na solução de um problema, por elle ardentemente desejado e para o qual tivera o offerecimento de valiosos concursos taes como o decidido apoio da Inglaterra, pode dar uma justa idéa da força dos elementos retrogradados que patrocinaram os elementos escravagistas, e nefastamente predominaram durante mais de meio seculo na direcção da politica do Brasil.

(1) Pedro A. Pinto — Notas da historia patria. *O principe de nossos abolicionistas*. A Escola Primaria. 5.º anno n. 12. Janeiro de 1922. Pgs. 411.

## A União e o Ensino Primario

Transcrevemos abaixo os trechos referentes ao ensino primario dos discursos proferidos pelo Dr. James Darcy e pelo Dr. João Luiz Alves, Ministro do Interior, no banquete a este offerecido no Palace Hotel.

São palavras animadoras essas e que devem fazer esperar para breves dias uma acção benefica do Governo Federal no desenvolvimeto e no aperfeiçoamento do ensino primario entre nós.

Disse o Dr. James Darcy:

.....  
.....  
Em summa; não vos occultarei: pesa sobre vós uma tremenda responsabilidade, a de corresponder ás grandes esperanças que despertastes.

Espirito de uma curiosidade incessante: visão prompta, lucida, talento de observação; dons de realização integral; desejo ardente do bem servir tracto antigo e ininterrupto da causa publica, experiencia e successo na administração—tudo vos conduz a uma grande e bella actividade fructuosa.

Jurariamos, se alguém duvidasse, que, em hypothese alguma, a vossa passagem será assignalada pelo méro preenchimento de certo periodo de tempo na successão continua dos portadores dessa pasta.

Mas, os homens publicos, quando excepcionalmente não são antecipações da historia, recommendam-se á gratidão do paiz pela correspondencia com as graúdes correntes do seu tempo. Não teriamos a pretensão de indicar, usurpando o vosso papel, tudo que ha a fazer, mas sempre quereíamos dizer que o maior problema da vossa pasta é o da instrução.

Não fallo do ensino juridico, do ensino medico ou da engenharia. Deixo de lado tambem o ensino secundario, e em certo sentido o profissional, para só comprehender o ensino primario, isto é, o minimo de luz que não pôde ser negado ao ser humano afim de que a sua existencia se não confunda com a dos vermes da terra, o instrumento rudimentar essencial ao homem. Como homem deixando de parte toda a actividade a que se destine. Vossa tenacidade é conhecida; vossa clarividencia consummada. Applicai essas duas grandes forças na solução do problema da instrução. Já se não toleram protelações. Sua exigencia é immediata. Cada dia que passa representa para o paiz, muitos annos de afraço. Todos os politicos, todos os homens de responsabilidade e influencia nos circulos sociaes por ella devem clamar, clamar incessantemente. E devem agir.

Ninguém, porém, como o Ministro do Interior domina com tanta segurança, os caminhos que, trilhados apressarão, e, abandonados, protellarão indefinidamente a solução da questão.

Toda a preparação, a bem dizer, já está feita, pelos Congressos de Instrução, pelos vossos antecessores.

Agora, o que cumpre é agir.

Certo, é a parte mais ardua. Mas, seguramente, não serieis vós que haveis de hesitar. Todo o homem digno desse nome, é por sua natureza, quando não por

destino ou dever, como no caso um vencedor de obstaculos.

E estes, se são grandes, não são insuperaveis. Não bastaria, é certo, decretar a obrigatoriedade do ensino primario. Necessario é que haja escolas em toda a parte, e recursos para mandar as crianças ás escolas. Só isto dá uma idéa da vastidão do problema, num paiz ainda tão pouco articulado como o nosso. Mas, por outro lado, isso mesmo leva a conclusão de que a campanha requer o concurso da União, dos Estados, dos municipios, das associações, de toda a nação efficiente, isto é, em estado de poder prestar auxilio.

A organização ou plano geral, mediante accôrdo com os Estados, não pôde deixar de caber á União. Todos os esforços, sem esse poder coordenador dirigente, seriam dispersivos e inefficazes.

Demais, a questão do ensino é uma questão nacional, e todos os problems dessa ordem não podem ser subtraídos á orbita do Poder Federal.

Se a Federação repellisse a solução nacional de uma questão nacional, não seria apenas, como é, a unidade na cooperação, embora descentralizada, mas a destruição do todo pela separação das partes.

Demais, o problema envolve medidas e providencias que, por sua natureza, como a obrigação imposta aos estabelecimentos industriaes, commerciaes e mesmo aos particulares de ministrarem o ensino das primeiras letras ás pessoas a seu serviços, não podem, constar senão de lei federal.

A constituição de um grande patrimonio ou fundo especial para os fins da instrução, não pode resultar tambem senão de uma vasta obra de cooperação nacional, para a qual, além da adoptação das taxas arrecadadas sobre o alcool e o fumo, como já foi lembrado, concorreriam os ricos e os que, sob quaesquer formas indirectas, prestassem os seus serviços.

A alma brasileira é perfeitamente capaz de sentir a grandeza de um movimento desta ordem.

Haja um centro e a propaganda da grande causa agitará o paiz inteiro, sacudindo-o de muito entusiasmo, fazendo erguer-se o gigante que, se dorme não está morto. A mocidade, como dizia outrora, José Bonifacio, sempre em busca da primavera e da luz, guiada por sua chamma interior que não se extingue (ardente por combater, o bom combate, tomará o seu lugar á frente dessa jornada gloriosa para as estradas do futuro.)

Com o pensamento nessas grandes cousas que podeis realizar, queremos com esta homenagem, dar-vos a impressão inequivoca e calorosa de que, em espirito e coração, nós vos acompanhamos, cheios da maior esperança e que o que quer que façaes nesse sentido, quando mesmo em torno de vós não houvesse senão o gelido silencio não quebrado, repercutiria, ao menos, entre os que nunca vos negariam a sympathia, o estímulo e o applauso para o bem da nossa patria estremecida.

Deus vos dê o vigor necessario para a grande empreza, afim de que vos seja possível alcançar o reconhecimento do paiz á altura dos serviços que prestardes.

Fortalecido pela idéa de que os altos cargos não se estimam pelas honras, senão pelos deveres, sede firme, prosegui nos vossos propositos, quando inspirados no puro patriotismo e na convicção sincera de que procuraes o bem publico.

Podeis errar; haveis de errar, seguramente.

E' da nossa condição. Só uma cousa, porém, é lamentavel, e não se perdôa: o temor da responsabilidade.

Assim, se accomettido, atravessae impavido a grita das turbas sem serenidade. A' furia descompassada succederá a clara verdade. Na ordem politica, ou em qualquer outra, toda a superioridade se paga.

E depois, quando naquelle accidentado campo, não se ulcerem as consciencias, sempre os espiritos se hão de dividir.

Pôde, assim, haver injustiça, sem intenção.

Mas, palavras vãs e clamores injustos, tudo passa.

O que vale, porém, fica e se impõe; porque o tempo, juiz incorruptível, reparte, sem paixão, as corôas e as condemnações.

Não vos digo novidade. Tendes bastante observação para verificar que nem sempre o juizo dos contemporaneos reconhece o verdadeiro merito; mas, tambem não vos fassa leitura para saberdes que não ha erros irreparaveis. Todos, no curso da historia, se rectificam.

E entre nós, não são precisos muitos annos para que essas rehabilitações se operem integraes.

Verdadeiro Ministro da Justiça, energico, mas tolerante e liberal; reformador de Codigos, organisador e propulsor de um grande movimento em prol da instrução — basta-vos-hiam estas glorias. São as que antes de todos, vos desejam os vossos amigos.

E que maiores haveriam?

Se a boa fortuna, que tão larga parte tem nos nossos destinos, permittir que as alcanceis, a vossa felicidade não poderá ser excedida.

E contrariamente, ao verdadeiro, mas triste pensamento de Nabuco, recolhido, na hora melancolica do entardecer da vida — «Muitas estatuas a posteridade cobrirá com um véo — a vossa será coberta de flores.»

**Respondendo, disse o Dr. João Luiz Alves:**

.....

Nesta vasta metropole, a infancia, moral e materialmente abandonada, constitue legião que attesta o quanto ha a fazer para amparal-a, com a fundação de asylos-escolas asylos-reformatórios, de maior numero de patronatos agricolas e com uma effizaz vigilancia judiciaria em favor dos menores. Limite-me a pôr o problema em equação, para affirmar vos que tentarei resolver-o com os recursos que a situação financeira permittir.

Nem só a infancia abandonada, mas toda a infancia e tambem os adultos analphabetos, precisam que os poderes federaes os vejam com soliciude, no proposito de diffundir e de facilitar a instrução primaria; problema fundamental, problema inadiavel, tão suggestivamente localizado pela palavra aurea de vosso orgão, que magistralmente me traçou o caminho a seguir, caminho que antevira e que já agora palmilharei com confiança.

Elle bem o disse: a questão está estudada pelos competentes, ás soluções estão propostas.

Só falta executar. E' a isso que me proponho. Desde já, em nome do Sr. Presidente da Republica, com fé e tenacidade, se não faltarem, o amparo do Congresso Nacional e a cooperação dos Governos dos Estados.

Nada se oppõe ao commettimento e é puro bysantinismo enxergar obstaculos constitucionaes para que possa a União fazer aquillo que não se pôda recusar a particulares e a estrangeiros — a fundação de escolas primarias!

Senhores:

Foi com estas idéas capitaes, que são as suas, que puz a minha actividade e o meu esforço á disposição do Sr. Presidente da Republica.

Assim, não me falte o amparo dos homens para realizal-as, concorrendo para approximar a Nação do

Governo e o Governo da Nação. consoante o nob appello do eminente orador.

Senhores:

Sinto-me escravizado pela vossa bondade dominadora e pela honra desta festa.

Eu voi-o agradeço e vos concito ao trabalho incessante e devotado pelo Brasil unido pelo Brasil culto, pelo Brasil feliz na alegria dos seus lares, na paz de suas cidades, no labor dos seus campos, na actividade das suas usinas, na saude dos seus habitantes e na justiça dos seus Governos!

Pela Patria, Senhores!

## ADVOCACIA GRAMMATICAL

Com orientação que se poderia a justo titulo qualificar de liberal, talvez de ultra-liberal, continua o sr. Pedro Pinto a sua tarefa de cultor do vernaculo, tendo, ao que parece, o intuito de provar o descommedimento com que arbitrarios assentam os grammaticos certos canones, com os quaes pontificam e tudo baralham e confundem, fazendo a tortura dos estudantes.

Lente da Faculdade de Medicina, a uma de cujas cathedras chegou levado tão só pelo proprio esforço e tendo por armas a sua intelligencia e uma força de vontade excepcional; de ha tempos a esta parte ainda se dedica o erudito professor ao que modestamente denomina estudos de linguagem portugueza.

Auctor de innumerous compendios ácerca dos objectos em que se especializou, *Pharmacologia, Arte de Formular, Botanica, Chimica*, ainda lhe sobram momentos de lazer em que se aprofunda no estudo da historia patria e esmerilha *Nugas e Rugas de Linguagem Portugueza* e escreve *Notas de Advocacia Grammatical*.

Philologo, consiste o criterio adoptado pelo sr. Pedro Pinto em tratar dos assumptos, estudando-os á luz dos factos da lingua. Não se apega ás caturrices em que geralmente os grammaticos profissionaes têm a sua pedra de toque, estou quasi a se arriscar a sua mesma razão de ser. O sr. Pedro Pinto observa e explica os problemas, conversando para tanto com os auctores, assim antigos como modernos.

O trato diuturno dos livros classicos, em cujo manuseio se apraz o seu espirito com grande volupia, como tambem o co-

nhecimento perfeito dos mais modernos estudos linguisticos, dá-lhe já auctoridade, que de mais em mais se accentua e consolida.

Além disso, a seriedade, a compostura, a honestidade com que se entrega a taes questões, exigem admiração e respeito até dos que lhe não esposam as doutrinas. Vae ás fontes da lingua, consulta os dictionarios, folheia os escriptores assim d'antanho como coevos, e, estribado em taes fulcros e com o apoio da voz popular, que muito é de ouvir-se em taes prelios, defende as mais das vezes expressões havidas por espurias, quando constituem lidimas dizeres, da mais incontestavel vernaculidade.

E' o sr. Laudelino Freire dos auctores mais jnstamente visados pela critica do sr. Pedro Pinto, que lhe não perdôa os desacertos com os quaes, ou apezar dos quaes, deseja pontificar em materia de muita altura e grande tomo.

Não sei se ao sr. Laudelino cabe com justiça a designação de philologo. O seu *Diccionario de Gallicismos* em nada o recommenda. E' livro feito ás pressas, sem estudo, sem exame, sem medida. Condemna como gallicanas as mais puras expressões; arremette aqui contra uma palavra e adeante a emprega; chama de impeccavel o sr. Ruy Barbosa e o aponta como modelo, para depois censurar, ferroteando de acres reproches innumeradas palavras de que estão repletas as opulentas obras do genial escriptor.

Apesar de tudo, *tendencia, de vez em quando, pretensioso, voluptuoso, revoltar-se...* tudo são gallicismos para o sr. Laudelino Freire, mas que o são só para elle acaba de provar com bons carros de razão o auctor da *Advocacia Grammatical*, citando exemplos das mais polidas pennas: Castilho, Latino Coelho, Herculano, Ruy, Francisco de Castro, etc.

Outro assumpto ainda agora trazido á balha é a debatida combinação do reflexo *se* com os pronomes *o, a, os, as*.

Que aberrata tal cousa da indole da lingua e não tem em seu prol a chancellia dos mais escorreitos auctores, a ninguem é licito alimentar a mais tenue sombra de duvida. Teima o sr. Mello Carvalho em defender o erro em que inadvertido caiu, ao invês de constricto dar as mãos á palmatoria.

O sr. Pedro Pinto forma ao lado de Ruy Barbosa, Mario Barreto e Silva Ra-

mos, que condemnam com razão essa exdruxula regencia. Ademais, dos trechos invocados em seu abono pelo sr. Mello Carvalho quase nenhum colhe ao caso. Só em insignificante minoria é que se encontra a regencia do *se o*.

Os proprios exemplos incriminados ao sr. Ruy Barbosa, elle os refugou a todos, não lhes emprestando a auctoridade que lhes adviria da sua penna.

Em outros capitulos, e dos melhores do livro, trata o auctor do vocabulo *década*, defendendo a accepção de decabiblio, em que a empregou João de Barros; aconselha *ionte*, bôa expressão, mas que de bom grado dispensa o accento circumflexo com que a distingue o autor; trata longamente do verbo *chamar: chama-lo, chamar-lhe, chama-se isto, chama-se a isto, chamar de...*, provando com abundosa copia de exemplos que tão legitimas ou ao menos defensaveis são umas como outras das construcções apontadas. E' um golpe que, de mão certa, vibra o sr. Pedro Pinto numa das mil questiunculas de eterna contenda entre os grammaticos.

*Assassinato* é termo em geral encoimado de gallicismo. Em portuguez puro, querem os sabedores do vernaculo que se diga *assassinio* ou *homicidio*.

Mas, apoiado em exemplos de Antonio de Macedo, Lacerda, Aulete, Vieira, Candido de Figueiredo, João Francisco Lisboa, Gonçalves Dias, Francisco de Castro, Machado de Assis, Carlos de Laet, e, argumentando tambem com expressões como *estellionato, sicariato*, etc., de formação identica, e, ainda mais lembrando que no baixo latim havia *assassinium* como tambem *assassinatus*; chega o auctor á conclusão que tenho por acceitavel de que são igualmente bôas ambas as formas. Tão certo é dizer-se assassinio como assassinato.

Ao par destas questões, outras ha em que foi por demais benevolo o sr. Pedro Pinto em lhes dar attenção. Assim os capitulos referentes ás expressões *erudito, perito, e vem, primeiro a, revoltar-se* não careciam defesa, tão inanes e futeis as razões com que se procurou estigmatiza-las.

Trabalho dos que merecem a mais attenciosa leitura é o que respeita ao cortejo entre a 7ª edição do *Eurico*, feita em 1876, quando em vida do auctor e que se presume por isso ser a mais correctá, é a 20ª edição, de David Lopes. E' pagina

das que exigem leitura demorada, porque cheia de sugestões e ensinamentos.

E ahí está o que me acode dizer das *Notas de Advocacia Grammatical*. Li-as com grande e crescente satisfação.

O sr. Pedro Pinto, nome consagrado já em nosso meio scientifico, tem direito agora á consagração literaria. E' um homem que tem o valor real dos que se fazem com as proprias mãos.

### FRANCISCO PRISCO

Janeiro, 1922

#### S. A. «A Escola Primaria»

Sob a presidencia do Dr. Luiz Cirne Lima, reuniram-se em assembléa geral, no dia 3 de Novembro, os accionistas da S. A. «A Escola Primaria», procedendo-se á eleição da nova administração, que ficou assim constituída:

Presidente—Dr. Alfredo Cesario de Faria Alvim.

Directores—Drs. Raul de Faria, João Baptista da Silva Pereira e Ignacio M. Azevedo do Amaral.

*Conselho Fiscal* — Drs. Luiz Cirne Lima, Francisco F. Mendes Vianna e José Venerando da Graça.

*Suplentes*—Drs. Paulo de Albuquerque Maranhão, José Custodio Nunes e José C. da Costa Sena.

### EXPEDIENTE

«A Escola Primaria» circula em todo o Brasil.

Os pedidos de assignaturas devem vir acompanhados da respectiva importancia e endereçados á

Redacção da «Escola Primaria»  
Rua Sete de Setembro, 174 — 1º andar.

Pedimos aos nossos assignantes o obsequio de nos enviarem, por escripto tanto as communicações de mudanças de endereços, como quaesquer reclamações relativas á remessa da revista.

Afim de attender aos nossos assignantes, que desejam possuir os numeros d'«A Escola Primaria» dos annos anteriores, resolvemos conceder-lhes, provisoriamente, grande redução nos preços de colleções annuaes, vendendo-as pelos seguintes preços:

Em avulsos.....	9\$000
Cartonada.....	10\$000
Encadernada.....	12\$000
Encadernada especial.....	14\$000

Os pedidos, pelo correio, devem vir acompanhados da respectiva importancia, accrescida de 1\$000, por colleção, para o registro postal.

O maior tonico da fadiga nervosa, da fadiga cerebral, da surmenage em geral

## KOLATENO

E' o summum dos principios activos da NOZ DE KOLA FRESCA, a que se acham associados o MALT e o PHOSPHATO DE SODIO

DOSES: 2 a 4 colheres das de chá por dia, puras ou diluidas em meio calice d'agua

### Casa das Novidades

### LUVARIA GOMES

Meias, luvas, leques, bolsas, carteiras, rendas, fitas, colares, pulseiras, brincos e chapéus para meninas e senhoras

A's Exmas. professoras municipaes faz-se o desconto de 10%

38, TRAVESSA S. FRANCISCO, 38

## II=A ESCOLA

### Factos da disciplina escolar

A disciplina de uma classe reflecte muito, quasi totalmente, o valor da professora que a dirige; e della depende, em grande parte, o aproveitamento dos alumnos.

Crianças são sempre crianças, e em todas as turmas ha alumnos bons e maus; mas, si a classe é activa, obediente a determinações préviamente estabelecidas e rigorosamente observadas, a maioria, a quasi totalidade é de bons, de disciplinados.

Bem sei que muitas vezes, e isso acontece em minha escola como em muitas outras, as condições de trabalho, em salas acanhadas, atravancadas, superlotadas, não offerecem grandes vantagens; no entanto, mesmo assim, não é impossivel um regime disciplinar, que, então, se torna mais imperioso.

Demais, nosso dever é procurar em todas as circumstancias suavizar as agruras da vida; e tanto mais valor terá aquella que, encontrando difficuldades a vencer, conseguir dar á sua classe organização relativamente boa.

A professora não esqueça que é espelho constante para os entezinhos cuja educação lhe foi, em parte, confiada. Que elles se lembrem no futuro, quando a existencia lhes apresentar sérios problemas e privações, da paciencia, da solicitude, da calma daquella que secundou a formação de sua personalidade,—procurando tirar partido de tudo; conciliar o que deveria ser com o que pôde ser, remediar, sem queixumes inuteis, as falhas mais sensiveis; enfim, tornar agradável a labuta de todo dia! Esse é o papel da mulher no lar; esse deve ser seu papel na escola.

Uma classe tonitruante, onde todos os alumnos se levantam e falam ao mesmo tempo; onde o nome da professora é gritado frequentemente; onde a distribuição do material, a entrada e a sahida não obedecem a regras, terá metade do proveito que seria de esperar, si nella houvesse ordem.

Não basta a competencia intellectual da professora; muito mais vale o seu preparo moral. Os proprios alumnos reconhecem-no ou sentem-no instinctivamente. Tenho ouvido, de crianças bem pequenas, commentarios deste jaez: «Não gosto da classe de D. Fulana; tanto barulho, nem se pôde escrever direito. D. Beltrana, sim, é zangada mas é boa; ninguém se atreve a falar, porém todos comprehendem as lições e trabalham com socego.»

De adjunctas, é commum ouvir: «Encontrei a classe indisciplinada...»

Isso me parece muito relativo e não receio afirmar que, em geral, as classes são indisciplinadas quando recebem nova professora: basta a mudança de regimen para provocar a desordem, que irá tanto mais longe quanto mais demorar ella em estabelecer os seus preceitos.

Em minha escola já houve uma classe perfeitamente organizada que mudou por completo no dia em que mudou de professora. E essa queixou-se dos alumnos!...

Não é com muita gritaria, ralhos, castigos, mas com *regimen, actividade, firmeza nas ordens, justiça e tolerancia* que se obtem o melhor resultado.

Cumpra á professora prevêr todos os motivos provocadores de desordem e desavença entre os alumnos, estabelecendo, com segurança, regras geraes para evitar queixas e discussões, que tanto perturbam a disciplina e prejudicam o ensino; e exercendo vigilancia immediata sobre todos os seus actos.

Vejamos alguns preceitos praticos que podem formar regimen disciplinar.

#### Modo de entrar ou sair da classe

A entrada ou sahida faz-se em fórma e em silencio. Ainda que a sala seja acanhada e os alumnos estejam mal accom-

modados, com algum jeito e boa vontade, isso é sempre possível.

Para se levantar e tomar logar em fórma obedecerão elles a signaes dados a tympano ou a tempos contados : um, dois, tres...

Ao entrar em classe, permanecerão em pé, de braços cruzados, aguardando ordens para sentar e iniciar qualquer trabalho.

E' preciso observar que executem esses actos com o menor barulho e que, em fórma, conservem posição de respeitosa compostura,

### Ordem da mesa e das gavetas

Dirá algúem que cuidar muito na arrumação da mesa e das gavetas é perder boa parte do tempo exiguo de que dispomos para os trabalhos escolares. Reflecta, porém, e verá que é, ao contrario, dar ás crianças exemplo salutar de methodo e de arranjo; é accumular capital precioso, que reverterá em favor de sua educação moral.

Como poderá a professora deitar regras de ordem, exigir que o alumno seja cuidadoso, si representa o «Frei Thomaz, que préga mas não faz»?

### Distribuição do material

Os cadernos recolhem-se dispostos como se acham os alumnos, pelo seguinte processo : si sentarem a dois, reunidos os do mesmo banco, os alumnos os irão passando, a partir da frente aos companheiros do banco immediato atraz, á voz de : um, dois, tres... até chegar ao ultimo banco. Então o secretario recolherá os grupos de cadernos, que serão tantas quantas as filas de carteiras.

Para os distribuir, o secretario entregará os grupos respectivos aos collegas do primeiro banco; estes tirarão os seus cadernos e passarão os outros aos visinhos, etc.

Os cadernos dos que falharem ficarão sob a responsabilidade dos companheiros mais proximos ou serão recolhidos.

Os lapis de pedra e de pau e as canetas serão numerados, pois só assim será facil responsabilisar as crianças pelo material. E é de enorme vantagem educativa e hygienica usar cada alumno, sempre, os mesmos objectos.

Para maior facilidade na distribuição, cada um reunirá, todos os dias, os objectos de seu uso individual, canetas e lapis, amarrando-os com uma fita, ou ligando-os com um anel de cartão. Collocados em uma caixa, esta partirá do primeiro banco e irá passando aos outros, afim de que cada criança retire o que lhe pertence. Ao fim do dia, a mesma caixa, de banco em banco, recolherá o material, que o alumno secretario conferirá, diariamente.

O professor determinará os dias em que mandará aparar os lapis ou substituir as pennas.

Todo alumno possuirá um limpapennas e, ligado á louza por um cordão, trará um pedacinho de panno ou esponja.

As louzas virão lavadas de casa e, quando fôr preciso limpá-las em classe, o secretario molhará todas com um panno ou esponja embebida nagua e cada um limpará a sua.

E' preciso não permittir que os alumnos levem á bocca os lapis e canetas e mostrar-lhes os inconvenientes disso.

—Esse systema poderá soffrer alterações nas classes de analphabetos, em que a distribuição será feita pela propria adjunta.

### Trabalhos escriptos

Os cadernos merecerão da mestra o maior cuidado. Os trabalhos escriptos serão faceis e precedidos de explicações, para que não apresentem grande numero de erros.

Não devem ser fatigantes.

Tendo em vista evitar perguntas importunas, a professora orientará previamente a classe sobre o modo de executar os exercicios, cujo inicio se fará ao mesmo tempo por todos, á voz de começar.

Está fóra de duvida ser a correcção geral a unica proveitosa para aprendizagem, mas a revista aos cadernos e as notas são indispensaveis para estimulo da turma.

O papel deve ser todo aproveitado, bastando um intervallo de duas linhas para separar um dever do outro. Permittir que a criança deixe em branco folhas inteiras ou quasi inteiras é esquecer os habitos de economia que ella deve adquirir.

### Modo de interrogar

As perguntas da professora não devem ser dirigidas á classe, mas sempre a um alumno, cujo nome pronunciará. Causam muita algazarra as respostas em côro e não permitem verificar si todos os alumnos têm, de facto, consciencia do que respondem.

Nas classes infantis, em que as crianças são soffregas por manifestar saber, tenho visto applicar, com vantagem, o seguinte systema : á pergunta dirigida á classe, todos os alumnos que sabem ou imaginam saber a resposta levantam um braço; então é designado um para falar. Assim, todos ficam satisfeitos e não ha desordem.

### Reclamações e retiradas

A professora determinará que, por occasião das lições escriptas ou oraes, si algúem tiver necessidade de reclamar ou pedir qualquer esclarecimento, apenas ficará de pé, no proprio logar, e só falará quando o interrogar.

Faz-se mister a maior solicitude da professora em attender ás justas reclamações das crianças, obrigando-as, porém, a evitar queixas frequentes e infundadas, cujos inconvenientes lhes apontará, e ensinando-lhes a justiça e a tolerancia, imprescindiveis na vida social.

As retiradas da classe far-se-ão, salvo em casos excepcionaes, nos intervallos das lições.

### Notas — Premios e castigos; tolerancia

As notas representam a sancção da mestra ao esforço do alumno; por isso, devem ser conferidas com muito criterio. As crianças, por muito pequenas que sejam, sentem-no e manifestam-se muitas vezes sobre o modo porque são julgadas.

Cumpra haver muito escrupulo em relação ás notas extremas : a nota *optima* representa um *premio* e a nota *má* um *castigo*. Ora, premios e castigos só têm valor, quando usados com muita discreção. A nota *má*, principalmente, será rarissima, porque, como castigo, afasta a criança da mestra; e são, incontestavelmente, os alicerces mais recommendaveis

da boa pedagogia a confiança e a sympathy que esta possa inspirar áquella.

E' preciso que a criança sinta a nota má, o castigo como correctivo e não como vingança. E' preferivel ser um pouco tolerante, repetir a nota soffrivel algumas vezes, fazendo-lhe ver que não deseja lançar no seu caderno ou no seu boletim uma nota má, por ser muito feia, desabonadora do seu nome.

Si a mais leve falta acarretar uma *má* no comportamento de um alumno, que nota lhe daremos, quando, de facto, precisar de um castigo severo?

A nota de applicação sendo distincta da de conducta, é absurdo prejudicar um alumno nos graus obtidos em lições ou approvação de exame, porque seja turbulento ou malcriado; maior despauzerio ainda é baixar o grau do comportamento, por não dar o discipulo boas contas dos estudos, desde que seja correcto em seu proceder na escola.

As notas valorisam-se organizando todos os mezes uma classificação por merecimento, em que sejam computadas as médias alcançadas em exame mensal, aproveitamento e procedimento. Nesse certamen é justo que o alumno mal comportado soffra, sentindo e compreendendo a importancia das boas maneiras.

As penas não devem ser demoradas, afim de não se transformarem em habito.

A privação do recreio e a retenção após a sahida geral perturbam a ordem da escola e prejudicam a criança; convém, pois, empregal-as com muita parcimonia.

Acho absolutamente condemnaveis os castigos collectivos, Si não é possível apurar a quem cabe a responsabilidade de uma falta, é preferivel deixar impune o culpado, ficando de observação para apanhal-o na primeira oportunidade. Castigar toda a classe pela falta de um, ou mesmo da maioria, é commetter graves injustiças, que acarretam magoa e revolta aos innocentes, sem, todavia, corrigir os culpados.

Erro gravissimo é castigar ou reprehender severamente uma criança que não se conheça. E quantas vezes uma

medida dessas, posta em pratica por uma adjunta menos ponderada, crêa uma situação desagradavel, de sérios embarços, para a cathedra desejava de dispensar todo o apoio moral ás suas auxiliares!

Lembro-me de um factó passado, ha annos, na minha escola.

—Havia na classe complementar, ultimo anno, uma alumna distinctissima, que fizera todo o curso sob minha direcção, sempre exemplar em tudo. Um dia, faltando a adjunta da classe, tive necessidade de mandar outra, nova na escola, substituí-a. Esta, tendo surpreendido a referida menina a rir, por causa de grachas das companheiras, pol-a *de castigo*, em pé, na classe.

E' facil imaginar a difficuldade em que me achei para consolar a alumna, magoadissima com a *humilhação* do primeiro castigo, que soffreu no fim da sua vida escolar, e acalmar a classe toda, revoltada com tão injusto proceder. E tudo isso sem prejudicar a autoridade da adjunta irreflectida...

—=

Prefiro premiar muito e castigar pouco.

*Premio* é qualquer palavra de animação, é o elogio merecido, é a nota optima, si a professora sabe ser justa e interessar-se pelo progresso da classe.

Ha quem diga que o premio na escola desperta o *interesse*. Ora, o interesse é a razão de ser, o grande estímulo da existencia; e nada se faz neste mundo sem elle. O que é preciso é cultivá-lo, legitimá-lo.

Haverá interesse mais legitimo, mais nobre que o de obter o applauso ao seu esforço, a recompensa do seu trabalho? De certo, não. Pois é essa ambição salutar e boa que se cultiva na criança, quando se lhe offerece um premio, especialmente si o seu valor é apenas moral, como o nome inscripto num *album de honra*, o *diploma* ou a *medalha de merito*.

Que ella comprehenda que o deve receber, não com vaidade mas com satisfação, por ser uma prova de que bem cumpriu o seu dever; e sinta a responsabilidade de conservar, no conceito do mestre e dos collegas, o bom nome que o seu proceder conquistou.

Essa conversa comprida encerra conselhos de facil applicação, com real vantagem para a disciplina escolar e consequente aproveitamento dos alumnos.

Não vae nelles qualquer pretensão de novidade, pois ha aqui muito do que communmente se pratica nas classes das escolas.

Como, porém, muitas vezes, esquecidas de cousas tão simples e proveitosas, encontro adjuntas desanimadas, incapazes de conseguir boa disciplina, parece-me util lembrá-los. E si algum valor apresentam, é justamente o de serem bebidos na observação e na experiencia de muitos annos de tradalho.

Traga a mestra a classe sempre occupada, dê com ponderação e firmeza todas as ordens; seja *activa*, *serena* e *justa*, e verá que, adoptando tal regimen, tudo se facilitará.

Deixe em casa queixas, lamurias, expansões de contrariedade; a criança nada tem que vêr com os seus desgostos particulares ou descontentamentos profissionais. O seu natural é ser alegre e a tristeza ou mau humor da mestra só podem prejudicá-la.

Quando penetrar na escola, a professora olvidará as ingratidões e injustiças de toda sorte de que é victima constante nos tempos que correm, para só se lembrar de que a criança precisa da sua assistencia e o Brasil reclama a sua *abnegação* — manifestada por uma actividade alegre, consciante, desinteressada. De outro modo, não se mostrará á altura da santa missão que lhe confiaram Deus, a Humanidade, e a Patria, tal a de formar intelligencias, corações e caracteres.

AMELIA ROSA FERREIRA

Chocolate e café só **ANDALUZA**  
Fabrica — RUA DOS ANDRADAS RIO DE JANEIRO

## Lição de Portuguez

(4º ANNO)

*Thema: Um dia feliz*

Imaginar uma casa pobre habitada por um operario, sua mulher e uma filha.

Ao lado da casa do operario ha um palacete com jardim á frente.

E' domingo. O marido não foi á officina, mas não está inactivo: limpa o gallinheiro e cuida da criação. A mulher, sentada em um banco, junto ao tanque, tem um alguidar de barro sobre as pernas e escama umas tainhas.

A pequenita observa o trabalho dos paes, mas está pensativa.

Sorrateiramente, deixa a casa paterna entra no jardim do palacete visinho e ás pressas colhe algumas flores.

O jardineiro da casa surprehe de pequena e a reprehende.

Assustada, a menina deixa cahir as flores e a chorar diz-lhe que as destinava a sua mamãe, que faz annos.

O jardineiro, enternecido com as palavras da pequerrucha, diz-lhe algumas palavras de carinho e colhe mais algumas rosas, juntando-as ás flores já apanhadas pela pequena, a quem entrega prazenteiro o ramo assim formado.

A menina agradece e cheia de alegria corre a lançar as flores no regaço da mãe estremecida.

*Observações para o mestre*

Guiar as crianças na descripção da casa do operario: uma casa pobre, porém, limpa e arrumada.

Salientar as vantagens da ordem e da hygiene, como cooperadores do progresso, da conservação da saúde e da alegria.

Dizer que uma casa arrumada e limpa, embora pobremente mobiliada, fornece sempre um aspecto agradável. Falar sobre a necessidade do arejamento nos quartos e outros requisitos concernentes á hygiene domiciliar.

Guiar as crianças na apresentação dos typos e dos vestuarios, devendo estes estar de accordo com a posição dos personagens em questão.

Salientar que o marido, não obstan-

te ser domingo, ajuda a mulher nos serviços caseiros.

Aproveitar o ensejo para se referir á utilidade das aves domesticas; aos cuidados que lhes devem ser dispensados quando sãs e quando atacadas de gogo ou pevide, molestia a que estão sujeitas e que as mata quando descurada.

Mencionar a classe, a ordem, a familia a que pertencem a gallinha, o Perú, o pato, o marreco, etc. Explicar ás crianças o que se faz com o peixe antes de ser posto a fritar ou a cozinhar.

Mencionar a classe, a ordem, a familia a que pertencem a tainha, a enxova, a sardinha, o badejo, etc. etc. Falar sobre a respiração dos peixes e suas condições de vida. Mostrar como, pelas brachias, se conhece si o peixe está estragado ou não.

Pôr em relevo a scena entre o jardineiro e a menina, fazendo resaltar a majestade dos sentimentos desta que, não obstante, a levaram á pratica de um acto censuravel.

Aproveitar o ensejo para falar sobre o muito que os filhos devem aos paes e mostrar os deveres que estes têm para com aquelles.

Observar como a menina, ao encaminhar-se para o jardim, estava absorvida por uma idéa fixa: colher flores para presentear sua mãe. Descrever a precipitação com que foram apanhadas as flores; o susto que ella tomou, quando pilhada em flagrante pelo jardineiro.

Guiar os alumnos na descripção do typo e do vestuario deste. Dizer que, apesar de rustico, era um homem bondoso, como ficou patente, na brandura da reprehensão e na solicitude com que satisfez o desejo da pequena, logo que soube o destino que as flores iam ter. Salientar que o jardineiro, reprehendendo a menina, poz naturalmente em evidencia a falta commettida por ella, ao penetrar ás escondidas em propriedade alheia, quando melhor seria que ella o chamasse e lhe pedisse as flores cubiçadas.

Suggerir ás crianças a descripção da alegria com que a pequenita tomou das mãos do jardineiro o ramo de flores e o alvoroço e ternura com que foi entregal-as á anniversariante.

Mostrar o justo regosijo dos paes

ante o gesto espontaneo e carinhoso da filhinha estremecida.

### Questionario

E' grande a casa do operario?

Descrevei-a. Seu interior offerece aspecto agradável? Porque?

Que vantagens trazem a hygiene e a ordem nos arranjos domesticos? Como estão vestidos o operario, a mulher e a pequenita? Como se chamam? Descrevei o typo de cada um. Onde se acham os paes da pequerrucha e que trabalho executam?

A que classe, a que ordem e a que familia pertencem a gallinha, o perú, o pato, o marreco?

Porque se chamam aves domesticas? Qual a sua utilidade?

Que cuidados lhes são dispensados, quando atacadas de gogo ou pevide?

E os peixes onde vivem? Como respiram? Como são apanhados? De que modo se conhece si o peixe está ou não estragado?

Porque estava pensativa a menina? Que sentimentos revelou com a preocupação de obter as flores?

A que deveres se obrigam os filhos para com os paes?

Que fez a pequenita quando viu os paes distraídos?

Como penetrou no jardim?

Que fez ahi? Quem a surpreendeu?

Por que razão o jardineiro a repreendeu? Como estava vestido? Que fez a menina quando se viu apanhada em flagrante?

O jardineiro deu provas de bondade? Si não fosse bom, que teria feito? A menina revelou ser boa filha? Só a mãe se sentiu feliz com o procedimento da filha? Como a recompensaram os paes?

(5º ANNO)

### Thema: Imprudencia de criança

São oito horas da noite. Numa sala de jantar vêm-se os seguintes moveis: um armario, uma pequena mesa de pinho e algumas cadeiras com assento de madeira.

Um menino de dez annos escreve á mesa, em cujo centro se vê um lampião de kerozene que illumina a sala. A seu lado, uma pequenita, de quatro a cinco

annos, folheia um livro de gravuras. A cabeceira da mesa, a mãe das duas crianças, viuva, ainda moça, cose com afan um vestido, que deseja entregar á fregueza na manhã seguinte.

O menino, terminada a escripta, põe-se de joelhos na cadeira, inclina o corpo para a frente e, com o papel nas mãos, procura seccar a tinta ao calor do lampião. Perdendo, porém, o equilibrio, dá com o braço na lampada, que tomba sobre a mesa. O menino dá um grito de susto e corre para junto da mãe, o mesmo fazendo a irmãzinha. A viuva, sem perder a calma, afasta os filhos do perigo, corre ao quarto em busca de um cobertor e com elle consegue abafar o fogo, que só damnificou o tampo da mesa.

### Observações para o mestre

Fazer sentir ás crianças que a sala a descrever é uma sala pobre e que esta circumstancia se deduz do mobiliario indicado e do modo porque é illuminada.

Aproveitar o ensejo para citar os diferentes processos de illumination, desde os primitivos, extremamente grosseiros, até os da actualidade.

(Archotes de madeira resinosa, ou de ramos de arvore untados de resina, que produzem mais fumaça do que chamma; lamparinas de kerozene, de azeite, que produzem pouca luz, muita fumaça e um cheiro assaz desagradavel; velas de sebo, de stearina, lampiões de kerozene, lampadas de alcool, gaz acetylene, gaz de illumination e, finalmente, a illumination electrica).

Falar sobre a formação do gaz acetylene e do gaz de illumination.

Descrever as vantagens da illumination electrica (commodidade, asseio extremo, ausencia de fumaça, diminuição de calor, maior poder illuminante, hygiene da habitação, visto não haver absorpção de uma parte do oxygenio do ar, nem desenvolvimento de gaz carbonico, por não haver combustão).

Insistir sobre as vantagens da ordem e do asseio nos arranjos domesticos. Fazer descrever successivamente por algumas crianças o typo, a posição e o vestuario dos personagens. Dizer que a senhora, não obstante a escassez de luz, trabalha áquellas horas, quando natural seria que procurasse no descanso ganhar novas forças para as lides do dia immediato.

Citar os trabalhos caseiros e diarios. Salientar que a mãe, cosendo para fora, procura naturalmente ganhar o dinheiro necessario a sua manutenção e a dos filhos, por ser viuva pobre e não ter quem a auxilie a ganhar o pão quotidiano.

Salientar a falta que numa casa faz o chefe de familia.

Pôr em relevo o empenho com que os filhos devem procurar alliviar os esforços dos paes, para lhes pouparem as forças e não os verem doentes e mesmo mortos prematuramente, por excesso de trabalho. Fazer comprehender como as crianças vadias, pouco cuidadosas com a roupa, o calçado, os livros e demais objectos de seu uso, perdendo tempo e forçando os paes a grandes despezas, delles exigem trabalho que poderiam poupar, expondo-os assim ao risco de perderem a saúde e muitas vezes a vida.

Salientar a imprudencia do menino que quiz seccar a escripta ao calor do lampião, o panico das crianças ao verem o desastre e a calma com que a senhora agiu, afastando-as do perigo e impedindo que o fogo se propagasse.

Descrever a acção destruidora de um incendio. Falar sobre os homens que trabalham na extincção de incendios e narrar os actos de heroismo que muitos delles têm praticado.

Citar os aparelhos de que elles se servem para abafar as chammass e mostrar os progressos effectuados neste ramo da industria dos machinismos.

Fazer sentir o risco que correm as crianças que brincam com fogo, com phosphoros, ou mexem nas lampadas, nos bicos de gaz etc. Dizer que o kerozene ou petroleo é um liquido que brota do solo de algumas regiões e que presta consideraveis serviços, não obstante os perigos do seu uso. Explicar como o petroleo, por ser mais leve do que a agua, nella sobrenada razão pela qual, uma vez inflammado, sobre ella continúa a arder. Portanto, para apagar a chamma do petroleo, não se deve empregar agua, mas sim, terra, cinzas, areia ou, então, um tecido compacto que impeça a communicação do ar com as labaredas. Salientar o desatino praticado pelas pessoas que, ao terem as vestes incendiadas, se põem a correr, favorecendo assim a propagação das chammass, devido á corrente de ar que se produz e que só serve

para mais activar o fogo. Mostrar que em tal caso o mais acertado é envolver-se a pessoa em um cobertor ou rolar-se lentamente no chão, para abafar as chammass.

### Questionario

E' grande a sala de jantar?

Está mobiliada com luxo?

Que moveis a guarnecem?

Descrevei o seu aspecto.

Que pessoas nella se encontram?

Descrevei-as.

Que gráo de parentesco une a senhora ás crianças? Estas têm pae? Quem as mantém?

Além dos serviços domesticos, que outro trabalho faz a viuva?

Porque cose áquellas horas da noite? Como devem proceder os filhos, para não obrigarem os paes a um trabalho excessivo ou escusado?

Que faz o menino? E a pequenita, com que se distrahe? E' moderno o processo de illumination adoptado na casa em questão? Porque não se emprega outro, que dê maior claridade?

Que meios de illumination havia antigamente? Que inconvenientes apresentavam? Quaes são os processos de illumination actualmente em uso? Quaes são as vantagens da illumination electrica?

Que outro nome tem o kerozene? O petroleo é um liquido fabricado pelo homem? Onde é encontrado? Para que serve? Porque o seu uso exige cuidado? Que imprudencia praticou o menino? Que resultou dahi? Que fizeram as duas crianças quando viram o desastre? E a senhora, como procedeu? Si ella não tivesse agido com calma, que succederia? Por que dizemos que o incendio é o peor dos ladrões? Como se chamam os homens que extinguem incendios? E os aparelhos para isso empregados? Devem as crianças brincar com phosphoros, com fogo, emfim? Por que não se deve apagar com agua as chammass do petroleo? Quaes os processos então aconselhados? Por que as labaredas se tornam mais vivas quando ha ventilação?

ZULMIRA

## METAPLASMOS

Vamos observar as diversas alterações que pode sofrer o vocabulo no seu organismo, sem que isto lhe altere a significação. A essas modificações damos o nome de «metaplasmos».

Vejamos :

«E a menina abaixa tristemente a cabeça.»

Ora, percebem, claramente, os meus alumnos, que em vez de Abaixar, poderíamos, sem modificar a sua significação, dizer—«E a menina baixou tristemente a cabeça.»

Houve, pois, no vocabulo *augmento* da letra A no seu *começo*, no seu *inicio*, —juntou-se-lhe, adicionou-se-lhe mais uma letra.

Ha mesmo uma quadra muito conhecida em que vocês vêem o augmento de uma letra no começo do vocabulo : Cessa tudo o que a Musa antiga canta Que outro valor mais alto se alevanta.

A cada passo nas nossas lições de leitura encontraremos indifferentemente *ainda* e *inda*—isto nos mostra que esse A no começo do vocabulo pode ser eliminado, sem que o altere, sem que se modifique a sua significação.

Pois bem, quando esse augmento se dá no começo do vocabulo, como acabamos de ver—elle se diz—«Metaplasmo» por adição, pela figura de «*prothese*».

E' bem racional e comprehensivel «*adição*»—porque *juntamos*, *sommamos*, *adicionamos* letra ou letras ao vocabulo.

(Exemplos) :

Qual será, Margarida, o diminutivo do substantivo flor ?

A—Florinha.

P—E conhece você, Pedro, outro diminutivo ?

A—Florzinha.

P—Temos, pois, dois diminutivos da palavra flor—*florinha* e *florzinha*.

E vocês sabem que ambos querem dizer a mesma cousa, que ambos dão a idéa de que... Mario ?

A—De pequena.

P—Observemos. A diferença que existe nesses vocabulos é apenas de augmento de uma letra no meio de um delles—*florzinha*.

Qual será a letra, Jayme ?

A—A letra z.

P—Pois bem, quando adicionamos, juntamos, sommamos letra ou letras no meio do vocabulo—temos o metaplasmo por adição pela figura—*epenthese*.

Observem, vocês, que é indifferente dizer-se, *registro* ou *registo*

*plana* ou *plaina*  
*idéa* ou *ideia*

Na nossa lição de leitura de sabba do tive occasião de chamar a atenção de vocês de que, a palavra *martyre* não estava errada, era a mesma palavra *martyr*.

Pois bem, é essa mais uma figura do metaplasmo por adição—augmento de letra ou letras no fim do vocabulo.

E é pela figura *paragoge*.

Exemplos :—assim—assi  
rubim—rubi  
mim—mi

Vimos, pois, que por *adição*—temos Pedro ?

A—*Prothese*, *epenthese* e *paragoge*.  
(Pedir exemplos á classe).

Não ha apenas o metaplasmo por augmento—em vez de augmentar letra ao vocabulo podemos tambem subtrahir, tirar, pode se dar a queda de uma ou mais phonemas pertencentes ao vocabulo.

Que quer dizer phonema, Pedro ?

A—Qualquer emissão de som.

P—Quando estudamos as preposições tive occasião de mostrar-lhes que a preposição EM se combinava e que esta combinação chama-se, Mario ?

A—*Apherese*.

P—Perfeitamente. Esse é um dos metaplasmos por subtracção.

A perda de letra se dá no começo do vocabulo.

Assim :

phtisica=tisica  
José=Zé

Imaginação=maginação

Quando, porém, a subtracção se verifica, se dá, se observa no meio do vocabulo temos o metaplasmo por subtracção pela figura *syncope*.

Exemplos : Esprança=esperança

mor=maior  
soidão=solidão  
manfestar=manifestar

Notem, e com atenção, que não houve, em absoluto, alteração na significação dos vocabulos.

«No estudo das preposições eu lhes fiz ver que a unica preposição que se *contrahia* era a «A»—as demais se combinavam. A essa contracção damos o nome de *crase*—que é tambem um metaplasmo por subtracção.

Assim, em vez de dizermos a a cidade—funde-se o a com a, havendo dessa fusão um unico vestigio—o *accento agudo*—«á cidade», a *aquelle*—«áquelle».

Estudamos tambem a preposição DE—e eu lhes disse que a essa combinação com os demais vocabulos que começassem por vogal, chamava-se *synalepha*, que é tambem um metaplasmo por subtracção.

Exemplos : d'este=de este  
d'onde=de onde  
d'aqui=da aqui

Esse apostrophe que ahi vemos significa falta de letra, de uma vogal que por effeito d'outra se eliminou. Temos a *ecthlipse*, desde que seja a suppressão do m da preposição com antes dos artigos. Esta figura, porém, encontramos apenas nos versos; na prosa não é usada.

Já a conhecemos á saciedade, tivemos occasião de estudal-a e temos :

c'o=com+o  
co'um=com+um  
coaquelle=com+aquelle

Essa figura muito facilita a metrica dos versos.

Aprenderam os meus alumnos que o suffixo *oso* quer dizer cheio de...

Exemplo—*Milagroso* cheio de *milagre*.

*Teimoso*—cheio de *teima*.  
*Ocioso*—cheio de *ocio*.

Formamos o adjectivo juntando ao substantivo a terminação—*oso*.

Mas, observem vocês, que tal não se dá com os adjectivos :

*Caridoso*—cheio de *caridade*.  
*Bondoso*—cheio de *bondade*.

E não «bondadoso» e «caridoso». Houve, ahi, a suppressão do som por effeito de outro egual. Supprimiu-se o som «da». Chama-se isso «*dissimilação*».

Recapitulando nós vemos que por subtracção temos : *apherese*, *syncope*, *synalepha*, *ecthlipse*, *crase* e *dissimilação*

(Pedir exemplos)

Ha dias, tivemos occasião de encontrar a palavra «frol» na lição de leitura no livro—Céu, Terra e Mar—e eu lhes disse que era a forma arcaica, antiga de «flôr»—que apenas se havia dado a *permuta* do phonema dentro da propria *syllaba*.

Pois bem, chama-se a isso—«*metathese*» é mais um metaplasmo e por permuta, por troca, por transposição. Deu se a permuta de um phonema por outro.

Já vimos que o prefixo in (latino) junto ao substantivo significa *não*.

Assim : Homem amigo

Homem inimigo=in+amigo  
Homem com barba  
Homem imberbe=in+barba

Verificam vocês, porém, que houve substituição no vocabulo, ao juntar-se-lhe o prefixo in.

E porque ?

Apenas por *apophonia*—que é a substituição do phonema sonoro ou vogal por outro mediante a acção de um prefixo. Conhecem, assim, mais um metaplasmo e por «*substituição*».

Temos ainda por substituição mais um metaplasmo—apenas por *euphonia*—e muito conhecido de vocês, já o temos a cada passo encontrado nas nossas leituras.

«Hei de amal-o»

Em vez de—«Hei de *amar-o*»

«Fil-o meu camarada»

«Em vez de Fiz o meu camarada».

Assim soará melhor ao nosso ouvido.

Vejamos, agora os metaplasmos por *assimilação*—muito importante na nossa lingua.

Sempre que houver no organismo do vocabulo sons consoantes differentes e asperos, um reage sobre o outro, de



modo que egualam, homologam e se identificam.

in+regular=irregular  
in+legal=illegal  
in+moral=immoral

Vêm vocês que o som **in** mudou em **ir** por efeito simplesmente do outro som **re** na palavra regular e assim por diante.

E' mais frequente na nossa lingua a assimilação por attracção da raiz sobre os prefixos seguintes :

«Acclamar=»

Ahi o prefixo é **ad** (latino) que se assimilou em **ac**—pela razão que já lhes expliquei.

Annotar—prefixo **ad** (latino)  
apparecer— « **ad**  
atrahir— « **ad**  
assumir— « **ad**  
arrolar— « **ad**

E assim terminará a licção mostrando a assimilação por attracção da raiz sobre outros prefixos.

*Coema Hemeterio*

**E. Martins Junior**

—»O«—

## Exercicios e problemas de arithmetica

### 1º ANNO

#### I

Maria tem 60 balas; João possui uma duzia a mais e Clara uma dezena a menos.

Quantas balas têm os tres juntos?

#### II

Si eu tivesse mais 5\$000 do que tenho, teria tanto quanto Maria. Esta tem o dobro da quantia que possui José, isto é o dobro de 10\$000.

Quanto possui? Quanto possui Maria

### III

O numero da minha casa é o 3º numero par depois de 21. Minha idade é igual á metade do numero da minha casa.

Qual a minha idade?

### IV

Escrever, em ordem invertida os numeros impares compreendidos entre 25 e 86.

### V

Qual a somma dos numeros pares compreendidos entre 12 e 20?

## 2º ANNO

### I

Uma senhora que trabalha em capotes de lã fez na 1ª semana de trabalho meia duzia de capotes; nas outras semanas do mez fez o quadruplo dessa quantidade.

Quanto economizou por mez sabendo-se que:

1º cada capote leva  $2\frac{1}{2}$  novellos;  
2º a lã custa 3\$800 o novello;  
3º sua depeza diaria é de 5\$000;  
4º vende cada capote por 15\$500.

Capotes da 1ª semana - 6.  
Fez nas 3 ultimas semanas  $6 \times 4 = 24$  capotes.

Capotes feitos num mez  $24 + 6 = 30$ .  
Preço de meio novello:  $3\$800 \div 2 = 1\$900$   
Despeza com cada capote:  $2 \times 3\$800 + 1\$900 = 9\$500$ .

Despeza total dos capotes:  $9\$500 \times 30 = 285\$000$ .

Despeza mensal:  $5\$000 \times 30 = 150\$000$ .  
Despeza total:  $285\$000 + 150\$000 = 435\$$ .  
Receita mensal:  $15\$500 \times 30 = 465\$000$ .

Quantia que economizou por mez:  
 $465\$000 - 435\$000 = 30\$000$ .

### II

O dobro de um numero mais o terço de 105 é 465.  
Qual é esse numero?

NOTA — Este problema embora facil, tem grande alcance educativo; deve ser minuciosamente explicado até que os alumnos o compreendam bem.

Façamol-os observar que: si dobraram um numero qualquer (que chamaremos **z**) e a este numero dobrado juntaram o terço de 105, obtendo assim o numero 465, a ultima operação que fizeram foi juntar o terço de 105. Logo, para desmancharmos a somma, temos que procurar o terço de 105 ou:  $105 \div 3 = 35$ . Tiremos pois 35 de 465:  $465 - 35 = 430$ .

Representando 430 o dobro de um numero, esse numero será  $430 \div 2 = 215$ .

### III

Custando 3 decimetros de fazenda 2\$700, quando pagarei por  $2\frac{1}{2}$  metros? Preço do decimetro  $2\$700 \div 3 = 900$  reis. Preço de  $2\frac{1}{2}$  metros  $(10d^m + 10d^m + 5) \times 900 = 22\$500$ .

NOTA — O Programma pede problemas sobre as principaes medidas de comprimento peso e capacidade.

### IV

Quantos litros ha em  $3\frac{1}{2}$  Dl?  
Quantos metros ha em  $4\frac{1}{2}$  Hm?  
Em 80 cm. quantos duplos decimetros ha?  
Em  $5\frac{1}{2}$  Dg. quantos grammos ha?

### V

$20 \div (4 - 9 - 6 + 10 + 26 - 30) - 4 =$   
 $20 \div (4 + 10 + 26 - 9 - 6 - 20) - 4 =$   
 $20 \div (40 - 35) - 4 =$   
 $20 \div 5 - 4 =$   
 $4 - 4 = 0$ .

## 3º ANNO

*Problema sobre as quatro operações em decimaes.*

Com 8<sup>m</sup>90 de certa fazenda que custa 8\$600 o metro, uma costureira fez 3 vestidos.

Num delles porém gastou mais 2<sup>m</sup>15 que nos outros.

Em quanto importou cada vestido? Parte de fazenda commum aos 3 vestidos;

$$8^m,90 - 2^m,15 = 6^m,75$$

Fazenda consumida em cada um: dos qu elevaram menos:

$$6^m,75 \div 3^m,25$$

O vestido em que mais gastou levou:

$$2^m,25 + 2^m,15 = 4^m,40$$

Preço deste vestido:

$$8\$600 \times 4,40 = 37\$840$$

Preço de cada um dos outros:

$$8\$600 \times 2,25 = 19\$350$$

### II

Um deposito de vinho completamente cheio, valia 829\$200.

Retirando-se do deposito  $4\frac{1}{2}$  Dl. o resto ficou valendo 721\$200.

Qual a capacidade do deposito? Diferença entre o preço do deposito quando cheio e depois de retirados os  $4\frac{1}{2}$  Dl.

$$829\$200 - 721\$200 = 108\$000$$

Preço de 1 litro:

$$108\$000 \div 45 \text{ (ls ou } 4\frac{1}{2} \text{ Dl)} = 2\$400$$

Capacidade do deposito:

$$829\$200 \div 2\$400 = 345,15$$

### III

Dois operarios trabalharam durante o mesmo espaço de tempo recebendo um 280\$000 e o outro 225\$000.

Sabendo-se que um ganhava diariamente 3\$000 mais que o outro pergunta-se:

a) Quantos dias trabalharam?

b) Qual era o jornal de cada um?

NOTA — Este problema é muito educativo e devemos exigir que os alumnos traduzam minuciosamente o raciocinio.

Ha entre a quantia que os operarios receberam uma diferença que foi formada de um producto, ou da somma de parcelas iguaes representadas pela diferença de cada dia. Quantas vezes a diferença total contiver a diferença de cada dia, é o numero de dias de trabalho.

Diferença entre as quantias recebidas:

$$280\$000 - 225\$000 = 75\$000$$

Dias de trabalho:

$$75\$000 \div 3\$000 = 25 \text{ dias}$$

Jornal do 1º operario:

$$280\$000 \div 25\$000 = 11\$200$$

Jornal do 2º operario:

$$225\$000 \div 25 = 9\$000$$

IV

$$\frac{(1,809+0,591)^2}{(0,05)^3} = \frac{(2,4)^2}{(0,05)^3} =$$

$$= \frac{5,76}{0,000125} = 46080$$

V

$$(2,4-59,6+65,08) \div 2 =$$

$$= (2,4+65,08-59,6) \div 2 =$$

$$= (67,48-59,6) \div 2 =$$

$$= 7,88 \div 2 = 3,94.$$

VI

$$[(0,03672 \div 0,0008) \times (0,6-209,45+3-1,6-18,25+75,32)-1298,784] \div 3 =$$

$$= [45,9(0,6+3+75,32-29,45-1,6-18,25)-1298,784] \div 3 =$$

$$= [45,9(78,92-49,30)-1298,784] \div 3 =$$

$$= (45,0 \times 29,62 - 1298,784) \div 3 =$$

$$= (1359,558 - 1298,784) \div 3 =$$

$$= 60,774 \div 3 = 2,258.$$

J. A.

Methodo pratico para se resolver uma regra de tres.

(Lição para as classes primarias mais adiantadas).

Non nova, sed nove.

Trataremos aqui especialmente da regra de tres composta, por ser esta exactamente a que maiores difficuldades offerece aos que comecam a estudar as questões sobre grandezas proporcionaes.

Dadas ao menino as noções de proporções e de grandezas directa e inversamente proporcionaes, ser-lhe-á facil aprender a armar uma regra de tres simples ou composta, isto é, combinar os dados do problema para obter o valor da incognita.

Na presente lição consideraremos os tres seguintes casos: 1º — problemas em que entram sómente grandezas directamente proporcionaes; 2º — problemas em que figuram unicamente grandezas inversamente proporcionaes; — 3º problemas em que entram ao mesmo tempo grandezas directa e inversamente proporcionaes.

EXPOSIÇÃO

Nos principios sobre as grandezas proporcionaes, demonstrados mais tarde no curso secundario, iremos buscar as nossas regras que constituem um methodo pratico para se resolver uma regra de tres.

I caso

Supponhamos primeiramente duas linhas de valores directamente proporcionaes, os quaes podem ser dados, por exemplo, pelo problema: — 24 operarios, em 10 dias, trabalhando 8 horas por dia, fazem 320 metros de certa obra; quantos metros farão 18 operarios, em 12 dias, trabalhando 9 horas diarias?

Collocaremos os dados do problema da maneira seguinte em duas linhas (a) e (b):

- (a) 24 operarios — 10 dias — 8 horas — 320 metros.  
 (b) 18 « — 12 « — 9 « — X »

Como o numero de metros é directamente proporcional ao numero de operarios, ao numero de dias e ao numero de horas de trabalho em cada dia, podemos estabelecer a seguinte regra para achar o valor de X:

(\*) REGRA. — *Forma-se a razão entre a incognita e o valor conhecido da mesma especie, podendo a incognita figurar como antecedente ou consequente da razão; a razão formada é igual á outra razão cujos termos são productos dos valores restantes, collocando na mesma linha de antecedentes ou de consequentes, em que se achar a incognita ou o valor da sua especie, os valores respectivos que lhes correspondem, nas linhas (a) e (b).*

(\*) O distincto professor paulista, Sr. André Perez y Marin, nos ensina nos seus excellentes compendios de Arithmetica—O Methodo das Causas e Effeitos, que é, incontestavelmente, facil á applicação a um grande numero de questões de regra de tres composta, em que para os principiantes as causas e effeitos não se embaralham e são facilmente distinguidos. Outro tanto não acontece aos que comecam, se elles não souberem fazer a distincção ou separar as causas e seus effeitos, isto lhes pode succeder a cada passo e em um grande numero de problemas. O methodo que apresentamos offerece ao principiante maior facilidade e segurança que o methodo acima citado, evitando, em todas as hypotheses possiveis, as confusões muito frequentes entre causas e effeitos.

Assim:

		Valores que se encontram com X <sup>m</sup> na linha (b).		Valores que se encontram com o numero 9 na linha (a).
Linha dos antecedentes	X	18 × 12 × 9	Linha dos antecedentes	X
Linha dos consequentes	320	24 × 10 × 8	Linha dos consequentes	9
		Valores que se encontram com 320 <sup>m</sup> na linha (a).		

E como um extremo desconhecido de uma proporção por quociente, é igual ao producto dos meios, dividido pelo extremo conhecido, achamos:

$$X = \frac{320 \times 18 \times 12 \times 9}{24 \times 10 \times 8} = 324^m$$

II caso

O problema seguinte nos dá um exemplo do segundo caso: — 25 trabalhadores, em 17 dias, empregam 9 horas por dia para abrirem uma estrada; quantas horas precisariam 30 trabalhadores, nas mesmas condições que os primeiros, para fazerem o mesmo trabalho em 12 dias?

Disporemos os dados como no primeiro problema.

- (a) 25 trabalhadores — 17 dias — 9 horas.  
 (b) 30 » — 12 » — X »

Sendo o numero de horas inversamente proporcional ao numero de trabalhadores e ao numero de dias, applicaremos a regra que segue á resolução do problema.

REGRA. — *Forma-se a razão entre a incognita x e o valor conhecido da mesma especie, podendo a incognita figurar como antecedente ou como consequente da razão; a razão formada é igual á outra razão cujos termos são productos dos valores restantes, figurando na mesma linha de antecedentes ou de consequentes, em que se achar a incognita ou o valor da sua especie os valores que lhes são contrarios nas linhas (a) e (b).*

Assim:

		Valores que se encontram com o numero 9 na linha (a).		Valores que se encontram com x na linha (b).
Linha dos antecedentes	X	25 × 17	Linha dos antecedentes	X
Linha dos consequentes	9	30 × 12	Linha dos consequentes	9
		Valores que se encontram com x na linha (b).		

Tirando o valor do extremo X desta proporção, vem:

$$X = \frac{9 \times 25 \times 17}{30 \times 12} = 10 \text{ horas, } 37 \text{ minutos e } 30 \text{ segundos.}$$

III caso

Este caso é o mais frequente na pratica. O problema seguinte é um exemplo deste caso: — 9 pedreiros, em 8 dias, trabalhando 10 horas por dia, fazem um muro de 50 metros de comprimento, 2 de altura e 0<sup>m</sup>,80 de espessura; em quantos dias 12 pedreiros, nas mesmas condições d'aquelles, fariam um muro como o primeiro, tendo porém 30 metros de comprimento, 2<sup>m</sup>,5 de altura e 0<sup>m</sup>,90 de espessura, trabalhando 7 horas em cada dia?

Formemos a razão, como já ficou dito nas duas regras anteriores, entre a incognita e o valor da sua especie. Por isto, applicaremos ao problema as duas regras já referidas, isto é, os valores que forem directamente proporcionaes á incognita ou ao valor da especie desta, ficarão respectivamente em uma mesma linha de antecedentes ou de consequentes; os valores que forem inversamente proporcionaes á incognita ou ao valor da sua especie, ficarão em linhas contrarias ás destes.

Assim:

Linha dos antecedentes	8	50 × 2 × 0,80 × 12 × 7	Linha dos antecedentes	X
Linha dos consequentes	X	30 × 2,5 × 0,90 × 9 × 10	Linha dos consequentes	9

E como o meio desconhecido de uma proporção por quociente, é igual ao producto dos extremos, dividido pelo meio conhecido, resulta:

$$X = \frac{8 \times 0 \times 2,5 \times 0,90 \times 9 \times 10}{50 \times 2 \times 0,80 \times 12 \times 7} = 7 \text{ dias}$$

Os valores 50<sup>m</sup>, 2<sup>m</sup> e 0,80, directamente proporcionaes a 8 dias, se encontram com este ultimo valor na mesma linha de antecedentes; os valores 9 h. e 10 h., inversamente proporcionaes a 8 dias, figuram na linha contraria a que se acha este valor; os valores 30<sup>m</sup>, 2,5<sup>m</sup> e 0,90, directamente proporcionaes a x dias, se encontram com este valor na mesma linha de consequentes; finalmente, os valores 12 p e 7 h, inversamente proporcionaes a x dias, estão na linha contraria a que figura x dias.

**Problemas com numeros geraes**

Antes de expormos alguns problemas com numeros geraes, precisamos explicar aos nossos alumnos o uso das letras nas questões de Arithmetica, mostrando-lhes que as letras podem representar numeros quaesquer, inteiros, fracções e fraccionarios, affectadas ou não de expoentes ou indices, que a letra o, por exemplo, pode indicar um numero inteiro qualquer de operarios; d, um numero qualquer de dias; h, um numero qualquer de horas; as letras m, m' e m'', numeros quaesquer de metros, e finalmente, que as outras letras tambem podem representar estas mesmas quantidades, mas, para maior facilidade na resolução dos problemas, serão ellas representadas aqui numericamente pelas differentes iniciaes dos seus nomes affectadas ou não de indices.

1º o operarios, em d dias, trabalhando h horas por dia, fazem m metros de certa obra; quantos metros farão o<sub>1</sub> operarios, em d<sub>1</sub> dias, trabalhando h<sub>1</sub> horas diarias?

**SOLUÇÃO**

Os dados deste problema serão igualmente dispostos como os dos anteriores:

- (a) o operarios--d dias--h horas--m metros.
- (b) o<sub>1</sub> » d<sub>1</sub> » h<sub>1</sub> » x »

Como o operarios, d dias e h horas, são numeros directamente proporcionaes ao numero de metros m; e o<sub>1</sub> operarios, d<sub>1</sub> dias e h<sub>1</sub> horas, numeros directamente proporcionaes a x metros, temos de accor-do com a regra do 1º problema:

Linha dos antecedentes m o x d x h

Linha dos consequentes X o<sub>1</sub> x d<sub>1</sub> x h<sub>1</sub>

Tirando-se o valor do meio x desta proporção resulta:

$$x = \frac{m \times (o_1 \times d_1 \times h_1)}{o \times d \times h} \text{ ou } x = \frac{m \times o_1 \times d_1 \times h_1}{o \times d \times h}$$

Esta expressão que nos dá o valor de x chama-se formula e serve para resolver todos os problemas analogos.

Aplicação desta formula ao seguinte problema: 12 operarios, em 4 dias, trabalhando 9 horas diarias, fazem 150 metros de certa obra, quantos metros farão 18 operarios, em 3 dias, trabalhando 8 horas diarias.

Colloquemos em as duas linhas os dados do problema com a disposição:

- (a) 12 = o — 4 = d — 9 = h — 150 = m
- (b) 18 = o<sub>1</sub> — 3 = d<sub>1</sub> — 8 = h<sub>1</sub> — x = ?

Substituindo na formula acima as letras pelos seus valores, resulta:

$$x = \frac{150 \times 18 \times 3 \times 9}{12 \times 4 \times 9} = 75^m$$

2º—O operarios, em d dias, trabalhando h horas diarias, fazem uma certa obra; de quantos dias precisarão o<sub>1</sub> operarios, trabalhando h<sub>1</sub> horas por dia, para fazerem a mesma obra?

**SOLUÇÃO**

Disporemos os dados deste problema como os dos anteriores:

- (a) o operarios—d dias—h horas
- (b) o<sub>1</sub> » x » h<sub>1</sub> »

Sendo as quantidades o operarios e h horas, inversamente proporcionaes a d dias, e o<sub>1</sub> operarios e h<sub>1</sub> horas, inversamente proporcionaes a x dias, temos conforme a regra do 2º problema:

Linha dos antecedentes d o<sub>1</sub> x h<sub>1</sub>

Linha dos consequentes x o x h

Resolvendo esta proporção, achamos:

$$x = \frac{d \times (o \times h)}{o_1 \times h_1} \text{ ou } x = \frac{d \times o \times h}{o_1 \times h_1}, \text{ que é uma formula}$$

**SOLUÇÃO**

Os dados deste problema serão collocados nas duas linhas de maneira analoga aos dos problemas anteriores:

- (a) o operarios—d dias—h horas
- (b) x » —d<sub>1</sub> » —h<sub>1</sub> »

comprimento largura altura  
m<sub>1</sub> metros—m<sub>2</sub> metros—m<sub>3</sub> metros  
m<sub>4</sub> » —m<sub>5</sub> » —m<sub>6</sub> »

Neste problema figuram quantidades directas e inversamente proporcionaes, portanto applicaremos na sua resolução a regra do 3º problema:

Linha dos antecedentes

$$o \quad d_1 \times h_1 \times m_1 \times m_2 \times m_3$$

$$x \quad d \times h \times m_4 \times m_5 \times m_6$$

Linha dos consequentes

Fazendo na formula acima a substituição das letras pelos seus valores, encontramos:

$$x = \frac{36 \times 6 \times 8 \times 37,5 \times 0,6 \times 5}{9 \times 10 \times 18 \times 1,50 \times 2,5} = 32 \text{ operarios.}$$

Os problemas que foram propostos nesta lição além de classicos não oferecem ao principiante a menor difficuldade, desde que elle esteja familiarizado com as noções de quantidades directa e inversamente proporcionaes.

Vencido este primeiro passo, o professor proporá aos seus alumnos outras questões mais difficeis, em que figurem, por exemplo, a difficuldade de uma obra, o esforço empregado pelos seus operarios na sua confecção, etc, e muitos outros dados que o professor julgar convenientes.

Convém notar, porém, que ha toda conveniencia de serem dados, no começo do ensino, somente problemas cujos dados que entram na proporção ou na formula sejam explicitos. isto é, que figurem no proprio enunciado da questão. Manãos, Janeiro de 1922.

ABILIO BARROS ALENCAR.

Professor de Mathematica da Escola Normal.

mula e serve igualmente para resolver todos os problemas analogos.

Appliquemos esta formula ao problema: 15 operarios, 6 dias, trabalhando 10 horas diarias, fazem 120 metros de certa obra; de quantos dias precisarão 18 operarios, trabalhando 9 horas por dia, para fazerem a mesma obra?

O dados terão a seguinte disposição nas duas linhas:

- (a) 15 = o — 6 = d — 10 = h
- (b) 18 = o<sub>1</sub> — x = ? — 9 = h<sub>1</sub>

Desta proporção tiramos o valor do meio x:

$$x = \frac{o \times (d \times h \times m_4 \times m_5 \times m_6)}{d_1 \times h_1 \times m_1 \times m_2 \times m_3} \text{ ou a formula } x = \frac{o \times d \times h \times m_4 \times m_5 \times m_6}{d_1 \times h_1 \times m_1 \times m_2 \times m_3}$$

Aplicação desta formula ao problema: 36 operarios, em 6 dias, trabalhando 8 horas por dia, fazem uma obra de 18 metros de comprimento, 1,50 de largura e 2,5 de altura; quantos operarios serão precisos para em 9 dias, trabalhando 10 horas diarias, fazerem uma obra como a primeira, tendo porém 37,5 metros de comprimento, 0,6 de largura e 5 de altura, suppondo que sejam eguaes os esforços empregados pelos operarios?

Colloquemos os dados nas duas linhas com a disposição:

- (a) 36 = o — 6 = d — 8 = h — 18 = m<sub>1</sub> — 1,50 = m<sub>2</sub> — 2,5 = m<sub>3</sub>
- (b) x = ? — 9 = d<sub>1</sub> — 10 = h<sub>1</sub> — 37,5 = m<sub>4</sub> — 0,6 = m<sub>5</sub> — 5 = m<sub>6</sub>

Fazendo na ultima formula a substituição das letras pelos seus valores, achamos:

$$x = \frac{6 \times 15 \times 10 \quad 5}{18 \times 9 \quad 9} = 5 \text{ dias}$$

3º—o operarios, em d dias, trabalhando h horas diarias, fazem uma obra de m<sub>1</sub> metros de comprimento, m<sub>2</sub> de largura e m<sub>3</sub> de altura; quantos operarios serão precisos para em d<sub>1</sub> dias, trabalhando h<sub>1</sub> horas por dia, fazerem outra obra da mesma natureza que a primeira, teudo porém m<sub>4</sub> metros de comprimentos, m<sub>5</sub> de largura e m<sub>6</sub> de altura?

# ESCOLA NORMAL

## HISTORIA GERAL

(Resumo de aula)

### SPARTA E LYCURGO

Era Sparta, também denominada Lacedemonia, uma cidade do Peloponeso, banhada pelo rio Eurotas, que se lançava no golpho Laconico.

Adoravam os spartanos o rio Eurotas, que elles baptisaram com o nome de *Basileus-potamos* (rio de Deus), porque nasciam nas suas margens o loureiro, a oliveira e a murta, que abrigaram os primeiros fundadores daquela cidade, cuja fundação parece haver sido 1880 annos antes de Christo.

Sparton foi o seu primeiro rei, tendo por successores Lelex, originario de Creta, de onde levou consigo algumas tribus; Eurotas, Lacedemonio, que ergueu uma cidade, razão porque Homero distinguia a Lacedemonia da Sparta e diversos outros personagens, cujas vidas se encontram acompanhadas de varias lendas. Epoque houve em que os hellenos governaram a Sparta, reinando, então, Pyndaro, Castor e Pollux, Meneláo, Pisameno, Orestes, Aristodemo, chefe dos heraclidas — povo que se inculcava descendente directo de Hercules, que recebeu Sparta no seu quinhão, quando, alliados aos dorios, conquistaram o Peloponeso.

Lycurgo era filho de Eunomo, rei de Sparta, e, quando falleceu o seu irmão Polydecto, cuja viuva estava prestes a ser mãe, não quiz, absolutamente, consentir no sacrificio daquelle pequenino ser e empreendeu uma viagem. Creta foi a primeira cidade por elle visitada; demorou-se, alli, algum tempo afim de melhor observar os seus costumes e as suas leis. Tornou se amigo intimo do poeta Thaletas, cujas poesias eram antes uma especie de cathecismo civico, as quaes exerceram uma benefica influencia em a sua imaginação. Visitou em seguida, a Asia, onde conheceu as poesias de Homero, das quaes foi um vulgarizador em algumas cidades da Grecia; o Egypto, cuja organização social (sacerdotes, guerreiros, povo) muito apreciou, e permaneceu, algumas semanas, em Delphus afim de

pedir conselhos e inspiração a Apollo, que designou a nympha Pithia para o acolher e abençoar seus projectos.

Pelletan, escriptor francez affirmou que Lycurgo transformou Sparta numa vasta caserna; e si analysarmos, embora ligeiramente, a sua legislação, verificaremos que o spartano era creado para servir á Patria, ensinando-se-lhe, desde a infancia, a manejar as armas então usadas nas lutas.

O patriotismo prevalecia sobre qualquer outro sentimento, inclusive o da maternidade, por isso que se consideravam humilhadas as mães, cujos filhos se não portavam com bravura na guerra.

Doenomete enviou oito filhos para guerra, na qual pereceram todos; enterando-os ella numa unica cova, sem derramar lagrima e repetindo com serenidade: *O Sparta foi para ti que eu dei á luz aos meus filhos. «Quando chegaste, Demetrio, desanimado e desertor do campo de batalha, junto da tua Mãe, ella te cravou no peito o ferro homicida, exclamando: morre e que esta vergonha não manche a tua Patria, pois, Sparta não é culpada do teite do meu seio ter amamentado um covarde»*, eis uma maxima composta por uma propria mãe para justificar o seu acto, perfeitamente elogiavel naquelles tempos, em que o interesse do estado prevalecia sempre, mesmo na organização da familia, que, jubilosa, consentia na summaria execução das creanças defeituosas, as quaes eram lançadas no monte Tageto.

Dividiu Lycurgo as terras por entre os cidadãos, obrigando-os a cultivá-las; e, para que não imperassem a avareza e o juxo, que, não poucas vezes, operam perturbações publicas, supprimiu as moedas de ouro e de prata, substituindo-as por uma de ferro, que possuia a propriedade de não ser alterada.

Instituiu os jantares publicos, frequentados, também, pelas creanças, uma vez que se destinavam elles a servir de uma aula de temperança. Naquelles jantares discutiam-se assumptos de interesse geral; não se admittiam palavras licenciosas, phrases de interpretação duvidosa, nem censura á vida alheia; entretanto,

indignaram-se os abastados contra aquellas refeições publicas; e, em certa occasião, chegaram a apupar e a apedrejar Lycurgo, que se viu obrigado a refugiar-se num templo.

Alcandro, porém, proseguiu na sua perseguição ao grande legislador, e não hesitou em espancar Lycurgo, que, com uma resignação extraordinaria mostrou ao povo o seu rosto ensanguentado; estabeleceu-se uma balburdia e o povo deliberou entregar Alcandro a Lycurgo que o levou para a sua casa, toruando-o seu serviçal. Alcandro cedo comprehendeu a gravidade dos seus erros, em se tornando um typo moderado, trabalhador e amavel; e Lycurgo, para commemorar aquella regeneração, ergueu um templo a Minerva, sob o nome de Optiletide. Não se descuidou da educação das creanças de ambos os sexos, convencido de que não é licito a nenhum legislador esclarecido abandonar a creança aos seus impetos e instinctos; assim, as meninas e os meninos faziam exercicios de gymnastica e estudavam as mesmas disciplinas.

As spartanas eram educadas nos mais severos principios de moralidade, o que nobstava, no emtanto, que, núas, ellas participassem dos jogos, das dansas, das representações, dos canticos patrioticos; não precisavam de vestuarios, dizia Lycurgo, porque a virtude lhes cobria o corpo, e jamais se soube que houvessem sido desacatadas. Quiz, também, Lycurgo que as spartanas supportassem, com coragem, as dores da maternidade, de sorte que, emquanto se conservavam engravidadas; eram amparadas de cuidados espeziaes, os quaes só cessavam com o seu restabelecimento radical.

As spartanas, disse, certa vez, uma estrangeira a Girgo, esposa de Leonidas, são as unicas mulheres que dominam os maridos. — Estais enganada, retorquiulhe Girgo, nós somos as usicas mulheres que sabemos ter filhos robustos!

Prohibiu Lycurgo o luxo nas residencias particulares e mandou retirar do senado os objectos preciosos que guarneciam as suas salas, para que se não distraissem das suas funcções os senadores, cujos olhos deveriam observar o povo e não contemplar objectos de arte. Assim, os particulares desfizeram-se das suas riquezas, moveis de gosto, objectos

de arte, conservando, apenas, os trastes indispensaveis e as roupas necessarias.

Entendeu o sabio legislador que convinha abolir o dote das noivas, afim de que fossem as mulheres escolhidas exclusivamente, pelos seus predicados moraes, e nunca pelos recursos pecuniarios, que possuissem seus paes; tal dispositivõ, que visava supprimir a rivalidade entre as spartanas, egualando-as, só pode merecer applausos, por isso que afastava do casamento aquelle mercantilismo grosseiro, que se observa nas cidades em que abundam as moças abastadas e os rapazes espertos. Eram os celibatarios alvo constante de ridiculos e zombarias e soffriam penas afflictivas; além de não serem admittidos nos exercicios das jovens spartanas, eram obrigados, durante o inverno, a passeiar, inteiramente despidos, nas praças publicas, cantando umas coplas humilhantes ao seu estado civil. Na sua velhice não gosavam das honrarias e delicadezas que a juventude tributava aos chefes de numerosa prole; ninguém lhes cedia lugar nas diversões. *Não tens filhos que, na minha velhice, me possam ceder bancos*, eram as palavras que pronunciavam os rapazes, quando se dirigiam aos velhos celibatarios. Realmente, o casamento, que é uma necessidade social, por isso que a sociedade carece de filhos sadios, que collaborem para o seu completo engrandecimento, constitue, outrosim, o indestructivel elo da cadeia social, que estreita seus membros numa absoluta communhão de idéas e opiniões, evitando a reproducção de desagradaveis scenas e a degradação dos costumes publicos e privados. Era a ociosidade severamente punida, pois, entendia Lycurgo que todo homem não pode ficar inactivo e viver á custa dos corações bondosos, que alimentam viciados e recebem delles ingratiões.

De vinte e oito membros se compunha o senado, que, unido á autoridade dos dous reis, se incumbia da administração publica; cabia-lhes suggerir nos comicios publicos qualquer projecto, competindo, porém, ao povo approva-lo ou não. Instituiu Lycurgo os *ephros*, que eram os magistrados incumbidos de conhecer das reclamações do povo e de julgar os cidadãos accusados de qualquer crime. Ha quem affirme que os *ephros* foram creados 130 annos depois da morte

de Lycurgo, quando reinavam Polydoro e Theopompo; outros, porém, dizem que os ephros, que deviam, tambem, vigiar os actos dos reis, já existiam antes da codificação de Lycurgo.

Não eram admittidos os estrangeiros, visto receiar Lycurgo que elles introduzissem os jovens spartanos a desviar-se daquelle programma de absoluta honestidade. Não era conhecido o crime de adulterio, cuja pratica constante esphacelou Athenas e Roma, mergulhando-as num oceano de lama; spartanas e spartanos obedeciam as leis e cuidavam de offerecer aos seus descendentes exemplos de honestidade, de amor ao dever e de entusiasmo pelo trabalho, e de cooperar, outrosim, para o esplendor da patria querida.

Concluida a sua ardua tarefa, Lycurgo procurou se avistar com' Apollo, para indagar se lhe haviam agradado as suas leis; e, obtendo do oraculo palavras animadoras, fez-lhe um sacrificio e continuou a viajar para adquirir novos ensinamentos. Não quiz sepultura quando falleceu; e, consoante os seus desejos manifesta-

dos, foram as suas cinzas atiradas ao mar. Sua legislação tornou-se famosa, porque a obediência que lhe dispensavam os spartanos, tornou virtuoso aquelle povo, que, ainda hoje, é objecto de grande admiração.

Alfredo Balthazar da Silveira

**Casa Alves**

Grande deposito de moveis de estylo e completo sortimento de —:— moveis nacionaes —:—

**J. A. PONTES**

PRACA TIRADENTES, 36

Telephone Central 4562

Preços sem competencia


**Matrz: Rua dos Andradas, 51**

Telephone Norte 2838 — Rio de Janeiro

As profssoras municipaes gozarão de abatimento

**Todo o genero de artigos**

Para



**Senhoras, Homens, Creanças e para Casa**

**ESPECIALIDADE EM UNIFORMES E ENXOVAES PARA COLLEGIAES**

**“Casa Cirio”**

Grande sortimento de artigos dentarios, perfumarias e cutilaria fina. Importação directa dos Estados Unidos e Europa

**JULIO BERTO CIRIO**

Rua do Ouvidor N. 183

RIO DE JANEIRO

Telephone Norte 3117 — End. Tel. Cirio

Caixa Postal n. 15

**Floricultura Brasileira**

**W. LINS & C.**

Flores naturaes, Ornamentações para festas, Corôas. Bouquets e Corbeilles

**ARTE E BOM GOSTO**

RUA REPUBLICA DO PERU' 53

antiga da Assembléa

Chacaras em Petropolis, Theresopolis e Jacarépaguá

Tel. Central 1870 Rio de Janeiro

## III = LIÇÕES E EXERCÍCIOS

### Lingua materna — 4º anno

#### EXERCICIO DE REDACÇÃO

##### As feiras livres

#### Plano

Que são as feiras livres: — mercados que se localisam, em dias determinados, nas nössas praças e nos nossos largos, e onde os lavradores e mercadores levam os productos da terra, da industria e das artes, para serem vendidos — Causas que levaram o governo a permittir as feiras: as difficuldades da vida; o custo elevado dos generos alimentícios de primeira necessidade, que, ahi, são vendidos a preços muito reduzidos — Variedade dos productos expostos — Afluencia do povo em procura das mercadorias de que precisa — Movimento desusado nas ruas, logo ao despontar do dia — Creanças que ajudam os paes no transporte dos objectos adquiridos.

### Linguagem — 5º anno

#### COLLOCAÇÃO DE PRONOMES

As proposições simples que entram no periodo composto por coordenação e no periodo composto por subordinação, são construidas de maneira a dar harmonia e não ferir a cadencia da phrase. Isto quer dizer que os complementos do verbo, do adjectivo e do substantivo devem estar em ordem crescente, quando vêm juntos.

Assim dizemos —

Os bondes atropelaram um menino e uma carroça cheia de mantimentos. Teriamos uma construcção má se dissessemos:

Os bondes atropelaram uma carroça cheia de mantimentos e um menino — porque o complemento — *um menino* é menor do que o complemento — *uma carroça cheia de mantimentos*.

E' por esta razão que ha regras de posição para as variações pronominaes.

me, mi, mim, migo, commigo  
te, ti, tigo, contigo  
o, a, lhe, se, si, sigo, comsigo  
nos, nosco, comvosco  
vos, vosco, comvosco

os, as, lhes, se, si, sigo, comsigo — e os complementos dos verbos, nas orações principaes, coordenadas ou subordinadas.

Estas regras são estabelecidas para os pronomes, por serem elles *palavras a-tonas*, que são attrahidas pelos verbos.

Em geral, nas orações principaes e nas coordenadas, os pronomes a-tonos são antepostos, intercalados ou pospostos aos verbos, conforme melhor soar aos ouvidos de quem fala ou escreve; não se começa, porém, o periodo por essas variações.

Ex:

As nuvens se desmancham ou as nuvens desmancham-se.

Comtudo, nas orações principaes e nas coordenadas, o pronome se antepõe ao verbo, nas phrases negativas, nas em que ha adverbios antes do verbo e naquellas em que o sujeito fôr um pronome qualquer.

Ex.:

Não se acha uma casa para alugar. Ninguém me incommodou na viagem. Hoje ou amanhã me trará noticias de tua tia.

Eu te recommendo a leitura deste livro. Outros te dirão a mesma cõusa.

Actualmente, em Portugal, muitos escriptores usam, neste ultimo caso, o pronome posposto ao verbo, o que torna a phrase bastante áspera.

Nas proposições adjectivas de pronome relativo, o pronome tambem é collocado antes do verbo. Exc.:

O sol que nos illumina, brilha no espaço infinito.

O livro, cujas paginas se rasgaram ontem, já foi substituido.

Quem te avisa teu amigo é.

Nas proposições subordinadas de conjunção, os pronomes tambem vêm antes do verbo. Exs.:

Quando os neophytos se approximam dos experimentados, recebem delles bons ensinamentos.

Não dês o dedo ao villão porque te tomará a mão.

Vê como se trabalha nesta casa.

Quanto me seria agradável poder passear contigo.

Emquanto se procura o problema, vae escrevendo a lição de portuguez.

Nas orações subordinadas de participio presente, colloca-se o pronome depois do verbo, formando um só todo.

Ex:

... mettendo-se o barco por entre o archipelago.

Se o participio presente estiver precedido de preposição ou fôr negativo, a variação pronominal se antepõe o verbo.

Exs:

Em te recebendo neste gremio, fazemos justiça ao talento.

Não me occultando as tuas ideias, eu te ajudarei.

Nas orações de verbo no imperativo, usa-se o pronome depois do verbo, quando houver mando ou ordem:

Ex:

... ergue-te pela manhã.

Nun'a se põe a variação pronominal depois do participio passadp, empregando-se, porém, depois do infinitivo, quando der á phrase uma cadencia agradável, embora a proposição seja subordinada, de relativo ou de conjunção. Exs:

Verás que não deixarei de fazer-te a necessaria comunicação.

Este é o empregado *que* veio trazer-te aquellas flores.

Tambem poderíamos dizer :

Verás *que te* não deixarei de fazer a necessaria comunicação.

Este é o empregado *que te* veio trazer aquellas flores.

Mas no primeiro caso as phrases são mais cadenciadas e mais agradaveis ao ouvido.

As variações atonas se intercalam no verbo, nos tempos compostos, não sendo a oração subordinada, caso em que se emprega a anteposição.

Fx :

...tem-me enviado amostras pelo correio.

Assim, intercalamos o pronome no futuro e no condicional, porque são tempos compostos. Fx .

...mandar-te-ei ou mandar-te-ia as encomendas.

## Exercicio de redacção

### A CARIDADE

Plano.

E' a hora da sahida da escola — Algumas creanças encontram um velho mendigo. a quem dão as sobras das merendas — Uma menina, tambem muito pobre. lastima-se de nada ter para dar ao ancião necessitado — De repente, um pequeno travesso, verdadeiro diabrete, surge correndo pelas ruas e atropela o mendigo, que cahe, ferindo-se seriamente — Os collegiaes, que o haviam soccorrido, riram-se desapiedadamente do triste acontecimento — Só a menina, caritativa e meiga, que lhe não poudo dar uma esmola, condeu-se delle, e, com palavras repassadas de caricias e ternuras, ajudou-o a levantar-se, prestando-lhe todo o auxilio ao alcance das suas forças — Fazer considerações sobre este facto.

*America de Barros*

## HISTORIA

### 4º ANNO

#### Continuação

**Guttenberg**—Recordando as grandes invencções, fale a professora mais demoradamente sobre a imprensa.

Diga que devemos ao allemão João Guttenberg a divulgação do livro da instrucção; o despertar do amor ao estudo, da erudição em todos os ramos, pois foi elle quem descobriu a mistura de chumbo e de antimónio que serviu para fundir os caracteres typographicos.

Diga a mestra que Guttenberg se

associou a Faust que forneceu o capital necessario e imprimiu a Biblia, primeiro livro impresso (1455).

Explique, finalmente, que desde logo esse grande invento se espalhou por quasi toda a Europa.

### Christovam Colombo e Americo Vespucio

Falando sobre Colombo, recorde o professor o que deu sobre a descoberta da America. Diga que as opiniões sobre Christovam Colombo variam.

Dizem uns que elle tinha certeza de haver uma terra desconhecida no outro hemispherio terrestre; asseveram outros ser isso um absurdo, porque nada havia que provasse a existencia da America.

Explique que, apesar de Colombo ter nascido na Italia, só recebeu auxilio dos reis da Hespanha (Fernando e Izabel).

Diga que depois da viagem de Colombo, surgiu um outro italiano Americo Vespucio que tambem tomou parte em algumas expedições e publicou varias cartas relatando as suas viagens.

Explique que foram justamente essas cartas que despertaram maior curiosidade e fizeram com que se attribuisse a Vespucio a empresa de Colombo e se desse ás novas terras o nome de America.

### Bartholomeu Dias e Vasco da Gama

Sempre á vista do globo e de cartas geographicas, recorde a professora as grandes navegações e faça ver aos alumnos a necessidade que havia para o mundo antigo de que grandes descobrimentos vissem revelar a existencia de outros povos com os quaes pudessem manter relações commerciaes.

Fale nas diversas expedições portuguezas para explorar a costa occidental da Africa.

Diga que Bartholomeu Dias, no governo de D. João II, conseguiu passar o cabo situado ao sul da Africa ao qual, em virtude da grande tempestade que ali supportou, denominou cabo das Tormentas. Explique que D. João II quando teve noticias desse grande feito de Bartholomeu Dias encheu-se de esperanças de chegar ás Indias e mudou o nome de cabo dos Tormentos para cabo da Boa Esperança.

Diga a professora que alguns annos mais tarde o novo monarcha D. Manuel I confiou uma frota a Vasco da Gama, que dobrou o cabo de Boa—Esperança e depois de visitar alguns reinos da Africa Orienta! chegou finalmente a Calicut descobrindo assim o caminho marítimo para as Indias, em 1498.

**Pedro Alvares Cabral** — Recorde a mestra que D. Manuel I, o Venturoso, fez equipar a maior esquadra de que se tinha lembrança e entregou o seu commando ao valente soldado Pedro Alvares Cabral.

Diga que nessa expedição foi Bartholomeu Dias chefiando uma das caravelas.

Recorde o que deu sobre descobrimento do Brasil; com se deu a descoberta; qual o primeiro ponto avistado; quaes os nomes dados á nova Terra; fale sobre as missas celebradas por frei Henrique de Coimbra; como foi recebida, em Portugal, a noticia da grande descoberta.

### Fernão de Magalhães —

Diga a mestra que o littoral do Brasil começou a ser muito frequentado pelos estrangeiros, podendo-se citar, entre outros, Fernão de Magalhães, que chegou á bahia do Rio de Janeiro a 13 de Dezembro, dando-lhe por esse motivo o nome de Sta. Luzia, por ignorar que já tinha outra denominação.

A' vista do globo, deve o professor fazer com que os alumnos percebam que Fernão de Magalhães provou que se podia fazer a circumnavegação do globo.

**Thomé de Souza e Duarte da Costa** — Recorde o professor, ligeiramente, o que deu sobre capitánias hereditarias e como fracassou o plano de D. João III, que resolveu crear o governo geral.

Diga que a escolha para 1º governador geral do Brasil, recahiu em Thomé de Souza administrador habil e prudente.

Fale sobre a vinda de Thomé de Souza; na sua chegada ao Brasil; nos jesuitas que o acompanharam; na fundação da cidade de S. Salvador, primeira capital do Brasil.

Fale na sua sabia administração.

Diga o professor que em 1553, Thomé de Souza foi substituido por Duarte da Costa, que tambem trouxe para o

Brasil alguns jesuitas, entre elles José de Anchieta.

Fale sobre o governo de Duarte da Costa; nas divergencias entre elle e o bispo D. Pero Fernandes Sardinha; nas repetidas aggressões dos selvagens; no estabelecimento dos francezes no Rio de Janeiro.

Diga finalmente, que um anno antes de Duarte da Costa deixar o governo falleceu, em Portugal, D. João III sendo substituido, no throno, por D. Sebastião, ficando como regente D. Catharina D'Austria por ser D. Sebastião uma creança.

**Nobrega e Anchieta**— Continuando o professor a recordar o programma de Historia, deve fazer com que os alumnos sintam o quanto Nobrega, Anchieta e outros jesuitas concorreram para o nosso progresso interior.

Sobre o padre Manuel da Nobrega diga que elle veio com Thomé de Souza; que com outros jesuitas começou a grande obra da catechese dos indios; que depois de grande tenacidade conseguiram civilizar algumas tribus.

Refira-se depois a Anchieta que veio ao Brasil, trazido por Duarte da Costa, com o fim de auxiliar a catechese dos selvagens, começada no governo anterior.

Diga que Anchieta era natural de Teneriffe, uma das ilhas Canarias e que, desde cedo, mostrou a sua indole religiosa, profundamente crente, que o levou a entrar para a Companhia de Jesus, tão celebre no mundo. Explique a mestra os serviços inestimaveis que Anchieta prestou ao Brasil; a fundação do afamado collegio que foi o centro de cultura de S. Paulo e sul do Brasil; os soffrimentos que teve de supportar para poder fundar o collegio de Piratininga; a sua coragem em ficar como refem entre os indios de Iperoyg, á espera que Nobrega negociasse com os colonos. Recorde o cuidado com que aprendeu a lingua dos selvagens para poder catechisal-os; emfim, os grandes estudos que fez de todas as cousas do nosso paiz.

Lucilia Correale.

**Sciencias physicas e naturaes**

4º ANNO

**DIGESTÃO**

Encetar a lição, fazendo lembrar que qualquer individuo para se poder manter tem necessidade de ingerir, diariamente, uma certa quantidade de alimento.

Mostrar como todas as substancias ingeridas pelo homem formam dous grandes grupos — o dos alimentos mine-raes (agua, sal, phosphato, carbonato de cal) e o dos alimentos organicos.

Ensinar que os alimentos organicos podem ser ternarios ou quaternarios. Explicar quaes os elementos que entram na composição de cada um delles. Acrescentar que são ternarios os alimentos feculentos, os gordurosos e os assucarados. Dar exemplos.

Passando aos quartenarios, dizer que uns pertencem ao reino animal, outros ao vegetal. Citar substancias quartenarias de cada um desses reinos: reino animal—a albumina, a myosina, a fibrina, a caseina, a gelatina e a chondrina; reino vegetal — aleurona.

Referir-se aos alimentos completos, mencionando os principaes — o leite, os ovos, o pão, a carne...

Assimiladas essas noções, descrever o aparelho digestivo, mostrando em estampas adequadas, os diversos orgãos que o constituem.

Ao descrever a bocca, fallar particularmente nos dentes.

Fazer referencia ás duas dentições, ao numero de dentes que apresenta cada uma, ás partes que compõem um dente, ás differentes especies de dentes, á funcção de cada uma dessas especies á sua estructura.

Tratar da hygiene dos dentes — lavar-os depois das refeições, de manhã e á noite; evitar bebidas muito frias, ou alimentos muito quentes, assim como servir-se delles para quebrar substancias rijas.

Recommendar muito cuidado com a escolha dos dentifricios. Apontar a nocividade de alguns. Aconselhar o uso da agua oxygenada diluida na agua comum.

Passando ao estudo da digestão propriamente dita, fazer ver que ella con-

siste em uma serie de phenomenos primeiramente mechanicos e depois chimicos.

Explicar em que consistem esses phenomenos e como se effectuam. Os mechanicos — na apprehensão, na mastigação, na insalivação, na deglutição e na eliminação das substancias não aproveitaveis; os chimicos — na digestão buccal, digestão estomacal e digestão intestinal.

Dar uma rapida ideia do modo por que se passam esses phenomenos.

Dizer que a digestão buccal se effectua por meio da saliva; que a saliva facilita a mastigação e a deglutição; que ella só tem acção sobre os alimentos feculentos, transformando-os em uma especie de assucar—a glycose; que a acção da saliva sobre os alimentos começa na bocca e continua no estomago; que feita a digestão buccal, segue-se a digestão estomacal; que, no interior do estomago, ha pequenas glandulas que segregam um succo—o succo gastrico; que este succo exerce no estomago o mesmo papel que a saliva, na bocca—ataca as substancias quaternarias, embebendo-as e transformando-as numa pasta semi-liquida—o chymo; que essa transformação principia no estomago e termina no intestino; que o alimento demora no estomago, de duas a tres horas; que, depois da digestão estomacal, se opera a digestão intestinal, graças á bilis, ao succo pancreatico, e ao succo intestinal; que é só no intestino que se completa a digestão, pois o succo pancreatico, não só conclue o trabalho começado pela saliva e pelo succo gastrico, atacando as substancias feculentas e quartenarias, como ainda exerce a sua acção sobre as substancias gordurosas, emulsionando-as, transformando-as, por conseguinte, em substancias assimilaveis; que os alimentos digeridos nos intestinos formam um succo leitoso—o chylo, estando nessas condições aptos a fornecerem ao sangue os elementos de que elle necessita.

Fazer, em seguida, um ligeiro estudo da absorpção dos alimentos. Explicar o que é absorpção. Ensinar que ella é feita, principalmente, por meio dos vasos chyliferos. Dizer o que vem a ser vasos chyliferos, onde são encontrados e onde vão ter. Comparal-os ás raizes dos vegetaes—assim como estas sugam do sólo os alimentos de que a planta necessita,

assim tambem absorvem os vasos chyliferos, no intestino, os liquidos da digestão.

Fazer ver como esses liquidos são levados para o sangue e como este os conduz a todas as partes do organismo.

Terminar com alguns conselhos sobre a hygiene dos alimentos. Assim, assignalar que a quantidade e a qualidade dos alimentos influem poderosamente na saude do homem; que se não deve exaggerar a quantidade de alimentos — ingerir uma grande porção de comida é acarretar indigestões e outras molestias graves; que, para o estomago funcionar bem, convém comer com sobriedade, a horas certas, comer lentamente, mastigando bem os alimentos; que a alimentação deve ser sã e variada—o melhor alimento é o mixto; que, dentre as bebidas, a mais recommendavel é a agua potavel; que as bebidas alcoolicas são excellentes estimulantes para as funcções digestivas, mas, não obstante, tomadas em excesso, produzem graves molestias; que, no verão, geralmente, se bebe mais que no inverno, convindo, entretanto, evitar os excessos e, sobretudo, os gelados—qualquer descuido pôde occasionar consequencias funestas.

5.º ANNO

**Systema nervoso**

Explicar que todos os phenomenos do movimento, assim como os da sensibilidade, são dirigidos por um conjuncto de orgãos chamado systema nervoso.

Mostrar que esse systema apresenta duas especies de orgãos—os centros nervosos (encephalo e medulla espinhal) e os nervos.

Dizer que, desses orgãos, uns presidem os actos da vida de relação e outros, os da vida organica, donde a divisão do systema nervoso; em systema nervoso da vida de relação tambem chamada systema geral, e o da vida organica ou particular.

A' vista das respectivas estampas fazer o estudo de cada um desses systemas, indicando os orgãos que os compõem e a funcção de cada um delles.

**Systema nervoso da vida de relação**—Indicar os orgãos que compõem

esse systema e convidar os alumnos a dizerem de accordo com a observação feita, qual a posição, fórma e volume de cada um delles.

Accentuar que dos orgãos contidos na caixa craneana, é o cerebro o principal. Fazer vêr que é elle a séde da percepção dos movimentos voluntarios e dos actos psychicos—intelligencia, instincto, vontade.

Ensinar que pôde o cerebro estar funcionando regularmente; mas, si extrahirmos o cerebello a um animal, fica elle impossibilitado de regular a marcha, conduz-se como se estivesse embriagado é— que o cerebello tem por funcção regular os movimentos ordenados pelo cerebro.

Dizer que todos os movimentos provocados por impressões que não originam elaboração intellectual, são coordenados pela protuberancia annular.

Quanto ao bulbo, mostrar que é elle a continuação superior da medulla espinhal—donde tambem a sua denominação de medulla alongada. Fallar na sua funcção: regulador dos phenomenos de nutrição (digestão, circulação e respiração); uma picada de alfinete, nesse orgão é o bastante para causar a morte do individuo pela parada instantanea da respiração e da circulação.

Tratando da medulla espinhal, explicar que desse centro partem trinta e um pares de nervos—os nervos rachidianos.

Indicar a funcção da medulla—conduzir ao cerebro as impressões que lhe são transmittidas pelos nervos rachidianos e comunicar aos orgãos do movimento as excitações da vontade.

Lembrar que a medulla espinhal é, além disso, o centro dos actos reflexos.

Dar ideia do que vem a ser um acto reflexo.

Fallar nas tres membranas que revestem todo o eixo cerebro-espinhal—a dura mater, a arachnoide e a pia mater.

Ensinar que, além dos trinta e um pares de nervos provenientes da medulla espinhal, ha outros doze pares que nascem no cerebro.

Apontar a funcção dos nervos e fazer a respectiva classificação dos mesmos—sensitivos, motores e mixtos.

**Systema nervoso da vida organica**—Citar os orgãos que o compõem—ganglios e nervos.

Chamar a atenção para a dupla ca-

deia de ganglios, disposta symetricamente ao longo da columna vertebral.

Dizer que os nervos que se dirigem ao tubo digestivo, coração, pulmões... isto é, que se dirigem aos orgãos de nutrição, originam-se dos ganglios.

Fazer concluir que esse systema preside os actos da vida de nutrição, os actos que funcionam independente da nossa vontade.

E. B.

### O melhor para as crianças com lombrigas

O Vermifugo EMIL é um xarope de sabor agradável e de efeitos seguros nas lombrigas e varias especies de ascarides.

E' completamente inoffensivo; não é irritante, a exemplo dos vermifugos oleosos.

E preparado com vegetaes da flora brasileira, dos que são usados pelas commissões medicas do interior dos Estados, e, por isso, destróe todos os vermes, inclusive o anchylostomo.

Mas ainda mesmo quando as crianças nervosas e insomnes não expillam bichas, usando o Vermifugo EMIL, conseguem, com o seu uso, a calma e o dormir tranquillo.

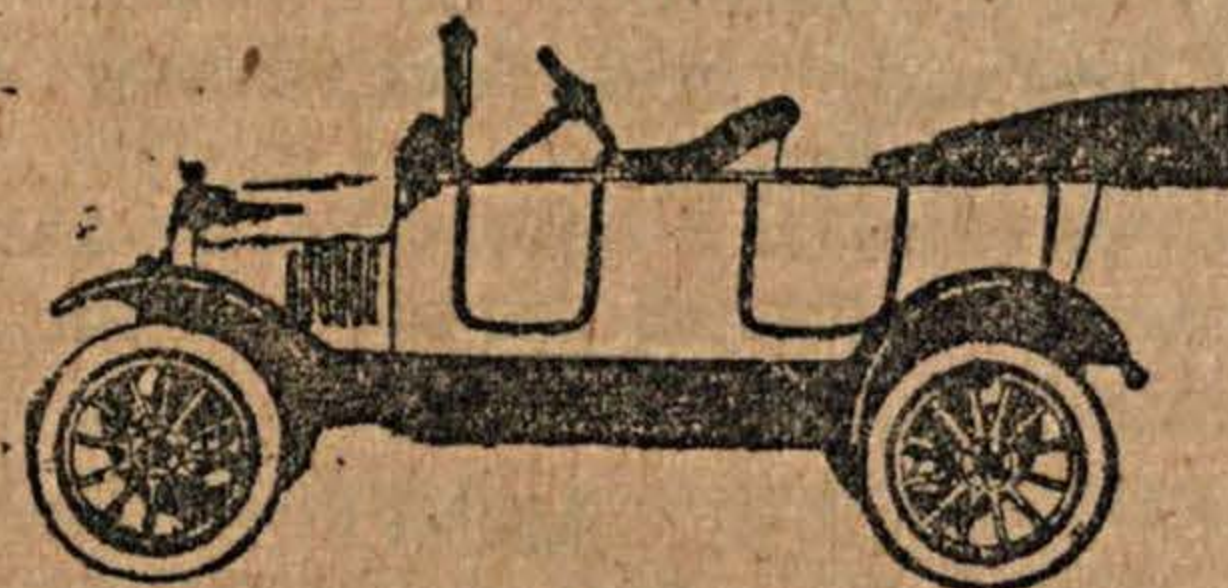
O Vermifugo EMIL serve em qualquer caso, em crianças e adultos. Não tem dieta.

A' venda nas principaes phamacias e drogarias. Preço: vidro 2\$500, pelo correio, 3\$500. Deposito geral: —Raa Uruguayana N. 66 Perestello & Filho.

De todos os automoveis o mais economico é o



O AUTO UNIVERSAL



O seu custo é de 50% menos que o do mais barato automovel de qualquer outra marca. A sua força e velocidade é, praticamente, igual ou superior ás dos demais automoveis. As despesas com o seu custeio são insignificantes, graças á economia no consumo de gazolina, diminuto custo das peças sobresaletas e dos pneus. O auto FORD é, pois, o unico que oferece reaes vantagens e atende ás necessidades da actual crise.

VENDAS A PRESTAÇÕES

Agentes

Companhia Commercial e Maritima  
Secção »Auto Geral»: RUA BENEDICTINOS, 1 a 17 — Telephones 753 e 759 N.

Stock permanente de peças sobresaletas legitimas

## CASA DO BASTOS

R. URUGUAYANA 19-22

Novas creações em bufalo branco, Vermiz, e pellicas de cores, setim, rosa, e branco.



TEL. 2616 central - Rio -  
Sejam Catalogos

MAPPIN & VEBB Ltd.  
100, Ouvidor  
RIO DE JANEIRO

JOALHERIA  
Prataria, «Prata Princeza»  
Objectos de arte, etc.



### O que o doente sente com o uso do «ELIXIR DE INHAME»

Com o tratamento pelo Elixir de Inhame, o doente experimenta uma grande transformação no seu estado geral; o apetite augmenta, a digestão se faz com facilidade (devido ao arlenico) a cor torna-se rosada, o rosto mais fresco, melhor disposição para o trabalho, mais força nos musculos, mais resistencia á fadiga e respiração facil. O doente torna-se florescente, mais gordo e sente uma sensação de bem estar muito notavel.

Depura - Fortalece - Engorda

Modo de usar : O Elixir de Inhame Goulart deve ser usado na dose de uma colher depois de cada refeição.



**OCULOS e PINCE-NEZ**  
para qualquer defeito da vista  
Apparelhos Photographicos e Accessorios.  
**LUTZ, FERRANDO & CIA. LTDA**  
RUA GONÇALVES DIAS N. 40 — RIO

**CASA GUIOMAR**  
CALÇADO DADO  
Avenida Passos, 120  
(Proximo a Rua Larga)

Tendo adqnrirido uma importante fabrica pode assim vender todos os seus productos de calçados desde as alpercatas a Luiz XV mais barato que qualquer casa 50 o/o.

MODELO NILDA

De 17 a 26.....	4\$000
De 27 a 32.....	5\$000
De 33 a 40.....	6\$500

MODELO NORAH


De 17 a 26.....	4\$500
De 27 a 32.....	5\$500
De 33 a 40.....	7\$500

Pelo Correio, mais 1\$500 por par

Remettem-se catalogos illustrados gratis para o interior a quem os solicitar.

Pedidos a JULIO DE SOUZA

**A Dentição das Crianças**



Todo o cuidado é pouco quando se trata dos dentes da Criança pois a saude depende em grande parte do estado da bocca.

Auxilio e Assistencia Dentaria Grátis  
Associação Central Brasileira dos Cirurgios Dentistas  
Av. Rio Branco, 142.

**S.S. White Dental Mfg. Co. of Brazil**



# LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO

Rua do Ouvidor, 166

S. PAULO

Rua Líbero Badaró, 129

BELLO HORIZONTE

Rua da Bahia, 1055

PAULO DE AZEVEDO & C. Livreiros Editores e Importadores

## HILLARIO RIBEIRO

Cartilha Nacional . . . . .	\$600
2º Livro de Leitura . . . . .	1\$000
3º Livro de Leitura . . . . .	1\$000
4º Livro de Leitura . . . . .	1\$000

## THOMAZ GALHARDO

Cartilha da Infancia . . . . .	\$600
2º Livro de Leitura . . . . .	1\$500
3º Livro de Leitura . . . . .	2\$500

## EPAMINONDAS E FELISBERTO DE CARVALHO

1º Livro de Leitura . . . . .	2\$000
4º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
2º Livro de Leitura . . . . .	3\$000
3º Livro de Leitura . . . . .	3\$500
1º Livro de Leitura . . . . .	3\$500

## SERIE PUIGGARI-BARRETO

Cartilha Analitica . . . . .	1\$500
2º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
3º Livro de Leitura . . . . .	3\$000
4º Livro de Leitura . . . . .	3\$000
5º Livro de Leitura . . . . .	2\$500

## ARNALDO BARRETO

Cartilha das Mães . . . . .	1\$000
Primeiras Leituras . . . . .	2\$000
Leituras Moraes . . . . .	2\$000

## FRANCISCO VIANNA

Primeiros Passos na Leitura . . . . .	1\$500
Cartilha . . . . .	1\$800
Leitura Preparatoria . . . . .	2\$500
1º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
2º Livro de Leitura . . . . .	3\$000
4º Livro de Leitura . . . . .	4\$000

## JOÃO KOPKE

1º Livro de Leitura . . . . .	2\$000
2º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
3º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
4º Livro de Leitura . . . . .	3\$500
5º Livro de Leitura . . . . .	4\$000
Leituras Praticas . . . . .	3\$000
Fabulas (em verso) . . . . .	1\$500

## D. MARIA ROSA RIBEIRO

Leitura Intermediaria . . . . .	2\$000
Leitura para o 2º anno . . . . .	2\$500
Leitura para o 3º anno . . . . .	2\$500
Leitura para o 4º anno . . . . .	3\$000

## D. RITA DE MACEDO BARRETO

Leituras Preparatorias . . . . .	2\$000
1º Livro de Leitura . . . . .	2\$000
2º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
3º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
4º Livro de Leitura . . . . .	3\$000

## ABILIO CESAR BORGES

1º Livro de Leitura . . . . .	\$600
Novo 1º Livro de Leitura . . . . .	1\$000
2º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
3º Livro de Leitura . . . . .	2\$500

## SABINO e COSTA E CUNHA

Expositor da Lingua Materna . . . . .	1\$000
Segundo Livro . . . . .	1\$000
Segundo Livro . . . . .	1\$000

## FERREIRA DA ROSA

Methodo de aprender a ler . . . . .	\$500
2º Livro de Leitura . . . . .	1\$600
3º Livro de Leitura . . . . .	2\$000
Excursões escolares . . . . .	1\$000

## DR. MARIO BULÇÃO

Vida Infantil 1º Livro . . . . .	1\$500
Vida Infantil 2º Livro . . . . .	2\$000
Vida Infantil 3º Livro . . . . .	2\$000

## COLLECCÃO F. T. D.

Quadros Muraes, cada quadro . . . . .	1\$000
Novos principios de Leitura . . . . .	1\$000
Guia Infantil, 1ª parte . . . . .	2\$000
Guia Infantil, 2ª parte . . . . .	2\$000
Guia Infantil, ás 2 partes . . . . .	4\$800
O 1º Livro de André 1ª parte . . . . .	2\$000
O 2º Livro de André 2ª parte . . . . .	2\$000
Compendio de Historia Sagrada . . . . .	3\$000
Noções de Sciencias . . . . .	3\$000
Anthologia (3º livro da coll.) . . . . .	4\$000
Anthologia (4º livro da coll.) . . . . .	6\$000
E. DE AMICIS — Coração . . . . .	2\$000

## AFRANIO PEIXOTO

Minha Terra e Minha Gente . . . . .	2\$500
BILAC e NETTO—Contos Patrios . . . . .	3\$500
" " Patria Brasileira . . . . .	3\$500
" " Theatro Infantil . . . . .	2\$500

## CORNAZ

As creanças e os animaes . . . . .	1\$500
Novos Amigos . . . . .	2\$070
CORREIA e BARRETO — Era uma vez . . . . .	2\$000
A. M. PINTO — Proverbios populares . . . . .	2\$000
BILAC e BOMFIM — Leitura Comple- mentar . . . . .	4\$000
ALBERTO DE OLIVEIRA—Céo, Terra e Mar . . . . .	3\$500

## TANCREDO AMARAL

Livros das Eacolas . . . . .	3\$000
------------------------------	--------

## BARRETO E LAET

Anthologia Nacional . . . . .	6\$000
-------------------------------	--------

## EUGENIO WERNECK

Anthologia Brasileira . . . . .	6\$000
---------------------------------	--------

## JOÃO RIBEIRO

Autores Contemporaneos . . . . .	3\$000
Selecta Classica . . . . .	4\$000
DUQUE ESTRADA—Thesouro Poetico . . . . .	3\$500
B. P. R. — Leitura Manuscripta . . . . .	1\$500

## A BALTHAZAR DA SILVEIRA

Educação Moral e Civica . . . . .	2\$500
OLAVO BILAC—Poesias Infrantis . . . . .	3\$500
L. FERDINAND—Lyra das Creanças . . . . .	2\$000
R. PUIGGARI — Album de Gravuras . . . . .	2\$000

Rsmettemos o nosso catalogo, gratis para todo o Brasil